

NOMINATION TO INSCRIPTION

IN THE

LIST OF INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE

IN NEED OF URGENT SAFEGUARDING

UNESCO

Retu CLT / GIH / ITH  
Le 29 DEC. 2014  
N° 0792

# Manufacture of cowbells

## Inventory and Municipality Statements

## NOTE

Portuguese legislation, through Decree-Law 139/2009, of 15 June, and Order 196/2010, of 9 April, stipulates the legal policy for safeguarding intangible cultural heritage and the regulations for its inventory.

Currently, we are in the process of requesting the registration of Cowbell Making in the town of Alcáçovas as part of the National Inventory of Intangible Cultural Heritage. Similar requests were also made for various municipalities.

Within the scope of the Project to Foster the Tourist Potential of the Intangible Cultural Heritage of Alentejo, of the Regional Tourism Entity of Alentejo and Ribatejo, a digital platform was created in which all information about the Manufacture of Cowbells is being compiled and which may be freely accessed.

As such, through the municipal registration request and a digital platform of broad coverage, dynamic measures are being taken to take inventory/catalogue the Manufacture of Cowbells and to disseminate the respective knowledge.

The PAISAGEM-ID digital platform was set up and contains the inventory form already prepared, which we have attached in PDF format and may be accessed at the address indicated below. The platform also contains all information already available under the headings WHO, WHERE, WHAT, WHEN and HOW:

[www.paisagem-id.pt](http://www.paisagem-id.pt)

[or [http://paisagem-id.pt/teste/como\\_ficha.aspx?id=963](http://paisagem-id.pt/teste/como_ficha.aspx?id=963)]

Paulo Lima  
Alcáçovas | 2014-12-26

# Inventory

## 1.a Ficha de Inventário



Banco de chocalheiro de Joaquim Vidazinha Sim Sim  
©Augusto Brázio

1.a.1.1.1 Domínio

1.a.1.1.2 *Aptidões ligadas ao artesanato tradicional*

1.a.1.1.2.1 Categoria

1.a.1.1.3 *Aptidões ligadas ao artesanato tradicional*

1.a.1.1.3.1 Denominação

1.a.1.1.4 *Fabrico de Chocalhos*

1.a.1.1.4.1 Outras denominações

1.a.1.1.5 *Comum | Indústria de chocalhos*  
*Comum | Arte chocalheira*  
*Comum | Produção de chocalhos*  
*Popular | Fazer chocalhos*

1.a.1.1.5.1 Contexto Social

1.a.1.1.6 *Chocalheiros | O fabrico de chocalhos é feito por famílias que se dedicam exclusivamente a esta actividade. Muitas destas famílias desenvolvem esta actividade transformadora há séculos, como é o caso da Família Sim Sim, de Alcáçovas e Estremoz, que a exerce ininterruptamente desde a segunda*

metade do séc. XVIII.

1.a.1.1.6.1 Localização

1.a.1.1.7 Estremoz (Santa Maria e Santo André) | Estremoz  
Reguengos de Monasaraz | Reguengos de Monsaraz  
Alcáçovas | Alcáçovas  
Posto Santo | Grotta do Medo  
Semil | Quinta do Souto  
Asseiceira | Asseiceira  
Ereira | Ereira

1.a.1.1.7.1 Cronologia

1.a.1.1.8 -27 | Proto-História | Surgem os primeiros chocalhos em chapa de ferro. | Em Espanha, em contexto arqueológico, foram encontrados chocalhos celtiberos, datados do séc. III a. C.,  
476 | Romana | Em São Cucufate, Alentejo, são encontrados chocalhos. | No Museu da Casa do Arco, mostram-se chocalhos que surgiram nas escavações da vila romana de São Cucufate e atribuídos ao séc. IV.

1.a.1.1.8.1 Característica

1.a.1.1.9 Corte| A chapa de ferro, de diferentes espessuras conforme a dimensão do chocalho, é cortada em chapas mais pequenas, que servirão para moldar o corpo do chocalho. No passado, o corte era feito com a tesoura de chocalheiro, hoje recorre-se a uma guilhotina.  
Destemperar| As chapas de ferro, de diferentes espessuras conforme a dimensão do chocalho, são amontoadas e metidas no forno e posteriormente batidas com um maço. O objectivo é retirar o óleo e tornar as chapas mais macias.  
Talhar| O chocalheiro, no banco, acerta a chapa que vai dar corpo ao chocalho. Faz alguns entalhes com a tesoura, para quando dobrar o chocalho poder prender as partes dobradas.  
Colocação de marcas (fabrico e/ou posse)| Se o chocalho levar marcas, que poderão ser as de fabricante e/ou de posse, estas são colocadas no corpo do chocalho, presas por fio. A de fabrico é colocada na parte da frente do chocalho e a de posse nas costas do chocalho. As marcas são feitas a ponteiro, como em Asseiceira, ou com uma tesoura mais pequena, caso de Alcáçovas, Reguengos de Monsaraz ou Estremoz.  
Embarramento| Num lugar à parte da loja/oficina, e onde está o barreiro, os chocalhos são embarradas na pedra de embarrar. O embarramento consiste em fazer um casulo de barro amassado com moinha de palha. O barro é estendido na pedra e o chocalho é aí colocado. Neste processo, entre o

barro e o chocalho, são colocados pequenos pedaços de latão, estes também são colocados no interior do chocalho, onde também é posto um pequeno pedaço de madeira ou de carvão. Após a feitura do casulo, na zona da boca do chocalho, o barro é perfurado para que o chocalheiro possa controlar a soldagem do chocalho. A Família Maia/Empresa Pardalinho, assim como o chocalheiro de Ereira, formado por esta família, embarram de pé. Todos os outros embarram sentados.

*Secagem*| Depois de embarrar, os chocalhos são deixados a secar por semanas, meses ou anos. A cozedura dos chocalhos é feita segundo a procura.

*Soldagem*| O chocalho é colocado no forno, a cerca de 1200°. No passado, o forno não permitia ultrapassar os 600°. Quando o chocalheiro se apercebe que o latão está líquido pela cor da chama que sai do interior do chocalho através do furo junto à boca, que muda de laranja para azul, o chocalho é retirado e colocado no chão.

*Rebolar*| Após ser retirado do forno, o chocalho começa a ser rebolado, para que o latão, em estado líquido, possa banhar uniformemente toda a peça. O rebolar é feito com com vara de ferro. Antigamente, o rebolar do chocalho era numa cama feita de carvão. Hoje é feito no chão de cimento.

*Temperar*| Após rebolar o chocalho e quando se percebe que o latão já banhou totalmente a peça, o chocalho é mergulhado numa tina com água, para um arrefecimento súbito. A este mergulhar chama-se ?temperar?. É retirado da água, o barro cozido é partido e o chocalho é retirado e limpo.

*Assonantar*| O chocalheiro leva, de novo, o chocalho para o banco de chocalheiro. Na bigorna, e com ajuda do martelo, afina-o. Esta afinação é feita batendo primeiro com um badalo de madeira no interior do chocalho, para testar o som deste. Apoiado ou enfiado na bigorna, é sujeito a um conjunto de sábias marteladas que têm como objetivo 'juntar as vozes?'. No centro e sul de Portugal, a afinação faz-se pelo interior no norte e Ilha Terceira, pelo exterior. Em Espanha, a afinação é feita através de um vinco junto à boca. Nalguns locais, para o tornar mais agudo, fazem-se furos junto à asa, a que se chama fazer os ?ouvidos. Esta é a fase da cadeia operatória mais complexa. Um chocalheiro só é reconhecido como mestre quando não apenas domina o fabrico de qualquer tipo de chocalho, como o sabe afinar. No trabalho de campo que estamos a efetuar por todo o território nacional, fomos confrontados com uma sensibilidade sonora divergente: cada região histórica possui como que uma afinação específica, na

*Embadalar*| Após a afinação, o badalo é colocado no interior do chocalho, suspenso, através do ?embadaladoiro?, numa argola, o céu. Os badalos podem ser, conforme a sua dimensão ou a região histórica de Portugal, em chifre (norte e Açores), de madeira (norte, centro e sul), de ferro (todo o

país e aplica-se aos chocalhos pequenos) ou em PVC, fruto de uma certa industrialização, estes importados de Espanha. O badalo pode ser suspenso apenas por uma correia de couro ou através de um pequeno pau suspenso em couro que prende o badalo, designado por ?cartel?.

Encoleirar| A coleira, passada por dentro da asa, serve para suspender o chocalho ao pescoço do gado. Pode ser feita em cabedal ou de restos de pneu. Existem três formas de fechar a coleira: através de (i) ?meã?, que designa uma forma de atar, através de tiras, a coleira através de (ii) ?cágueda?, peça de madeira que une as duas pontas da coleira, passando por dentro delas através de (iii) fivela de metal.

Enrolar| O chocalheiro, no banco, coloca a chapa na bigorna e começa a enrolar o chocalho, até lhe dar corpo. Prende as partes, utilizando os entalhes feitos anteriormente.

Dobrar| O chocalheiro, no banco, e com o chocalho enfiado na bigorna, começa a meter os cantos, virando-os, são as chamadas orelhas. Serão essas que irão segurar a asa. Abre um rasgo no fundo do chocalho e coloca aí o céu, a argola que irá prender o badalo. Coloca a asa, os batentes ou o debrum.

Riscar| A chapa de ferro, adquirida em diferentes armazéns, e com diversas espessuras, é riscada com recurso a um pedaço de ardósia ou giz, de forma a dividi-la em chapas de menor dimensão, que servirão para fazer o corpo do chocalho. As sobras servirão para asas, batentes e debruns.

1.a.1.1.9.1 N° Registo

1.a.1.1.10 Indeterminada

1.a.1.1.10.1 Justificação

1.a.1.1.11 Foram encontrados, por toda a Eurásia, chocalhos em contexto arqueológico, cuja cronologia remonta à Idade do Ferro. Na Península Ibérica foram encontrado chocalhos datados do Período Celtibero.

1.a.1.1.11.1 Etno-História

1.a.1.1.12 O fabrico de chocalhos é uma atividade metalúrgica associada essencialmente ao pastoralismo. Consiste na produção de um idiofone em ferro forjado que é suspenso ao pescoço dos animais numa coleira. Todos os animais domesticados podem usar chocalho: aves de capoeira, gatos, cães, burros, cavalos, mulas, ovelhas, porcos, vacas e bois, cabras? Na pastorícia, o chocalho é usado para localizar, ler o ritmo e a actividade assim como para protecção mágico-religiosa do animal. Existem duas tipologias de chocalho: uma com recurso a batente externo e outra com recurso a batente interno, suspenso ou não. O chocalho ocidental, onde se integra o chocalho fabricado em Portugal, é com batente interno. Os chocalhos podem ser feitos em matéria vegetal ou mineral e o batente pode ser

em madeira, osso, ferro, chifre ou material sintético (PVC) O fabrico de chocalhos é muito antigo. Na Península Ibérica foram encontradas artefactos celtiberos, datadas do séc. I a.C., assim como da Época Romana e da Alta Antiguidade. Estes chocalhos mostram duas tipologias de construção: i. chocalhos feitos sobre chapa enrolada e sobre a qual é aposta uma asa, de forma simples ii. chocalhos que se aproximam do chocalho actual, no qual a chapa é dobrada ao meio, repuxada na parte da dobra, sobre as dobras coloca-se a asa e sob esta, por dentro, suspende-se um aro. As peças pré-romanas parecem seguir esta tradição, que é retomada na Alta Antiguidade, e interrompida na Época Romana. Em Portugal, são poucos os locais onde hoje se localizam chocalheiros: municípios de Bragança, Tomar, Cartaxo, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Angra do Heroísmo (Arquipélago dos Açores). Os fabricantes de chocalhos presentes nestes locais seguem duas tradições: a do ferreiro que fabrica ocasionalmente chocalhos e a do chocalheiro, que se dedica em exclusivo ao fabrico deste objecto sonoro. Em Bragança e em Angra do Heroísmo, encontramos homens que, tendo conhecimentos que os aproximam do ferreiro, fabricam chocalhos. Nos outros locais, temos especialistas, chocalheiros, que fabricam exclusivamente estes objectos sonoros em ferro forjado. Um chocalheiro pode, assim, definir-se como aquele que apenas fabrica chocalhos em ferro forjado, e eventualmente também funde campainhas, recorrendo a um equipamento muito reduzido: num banco baixo, comprido, de quatro pés, aonde existe, do lado direito, uma tesoura e, do lado esquerdo, uma bigorna. O tamanho desta bigorna e da tesoura varia conforme o tamanho do chocalho a fabricar. Além deste equipamento, o chocalheiro possuía forja e outros objectos, tais como martelos, tesouras... O chocalheiro, quando trabalha, senta-se sobre o banco, tendo de um lado a tesoura e do outro lado a bigorna. Apenas na Ereira (Tomar), a tesoura e a bigorna se encontram na ponta, e o chocalheiro cavalga o banco. O fabrico de chocalhos, feito por um chocalheiro, parte de uma chapa que é acertada com a tesoura e depois batida a frio, na bigorna, com um martelo. Primeiro martela a chapa nas pontas e depois encurva-a na bigorna. Depois dobra-a ao meio, juntando a chapa em forma de copo. Após esta operação, martela a parte fechada da chapa, e começa a dobrar as pontas, subindo-as. Serão estas pontas, repuxadas, que servirão para suportar a asa. Após esta fase, na parte de cima do chocalho, a chapa é perfurada ao centro, e aí é colocada uma argola da parte de dentro, cujas pontas são batidas no exterior. Esta argola designa-se por "céu". É esta peça que sustenta o badalo. Após este processo, o chocalheiro numa mesa, designada por "mesa do embarramento", "embarra" o chocalho. Esta operação consiste em envolver o chocalho em barro, colocando-se pequenas peças de latão, ou cobre, em torno da peça e por dentro desta. Tradicionalmente o chocalheiro fazia esta operação sentado hoje, os chocalheiros em Ereira (Tomar) e em Alcáçovas (Fábrica Pardalinho) executam este processo em pé. Colocado na forja, ou no forno, este fica cerca de uma hora ao calor, a 1200°. É retirado do forno e rebolado, para que o latão possa percorrer toda a peça, soldando-a. É mergulhado em água e retirado do barro. O chocalheiro volta para o banco, e na bigorna, com um martelo, afina o chocalho. A afinação consiste em fazer com que o som deste corresponda ao desejado pelo pastor, ou seja, a integração identitária do som na paisagem sonora local e /ou regional. O chocalheiro até há pouco tempo não colocava o badalo no chocalho. Era ao pastor que competia o "embadalamento". Actualmente, o chocalheiro vende o chocalho completo: com badalo, correia e fivela. E estes são vendidos nos locais de

fabrico e em feiras. Os chocalhos são fabricados em diversas formas e tamanhos, podendo variar de um a 50 cm. de comprimento. Uma tipologia diversa corresponde a designações diversas, quer entre chocalheiros, quer entre geografias. Mas a esta diversidade corresponde também uma unidade, quer de formas, quer de designações. O chocalho fabricado em Portugal pertence a uma família tipológica que ocupa uma geografia que vai de Portugal aos Pirenéus franceses. Esta unidade parece corresponder a uma unidade de paisagem associada à transumância. O pastoralismo é a grande actividade que absorve o fabrico de chocalhos. Mas este também é usado em diversas manifestações da Cultura Popular, quer em festas cíclicas quer associado a charivaris.,O fabrico de chocalhos é uma actividade metalúrgica associada essencialmente ao pastoralismo. Consiste na produção de um idiofone em ferro forjado que é suspenso ao pescoço dos animais numa coleira. Todos os animais domesticados podem usar chocalho: aves de capoeira, gatos, cães, burros, cavalos, mulas, ovelhas, porcos, vacas e bois, cabras? Na pastorícia, o chocalho é usado para localizar, ler o ritmo e a actividade assim como para protecção mágico-religiosa do animal. Existem duas tipologias de chocalho: uma com recurso a batente externo e outra com recurso a batente interno, suspenso ou não. O chocalho ocidental, onde se integra o chocalho fabricado em Portugal, é com batente interno. Os chocalhos podem ser feitos em matéria vegetal ou mineral e o batente pode ser em madeira, osso, ferro, chifre ou material sintético (PVC) O fabrico de chocalhos é muito antigo. Na Península Ibérica foram encontradas artefactos celtiberos, datadas do séc. I a.C., assim como da Época Romana e da Alta Antiguidade. Estes chocalhos mostram duas tipologias de construção: i. chocalhos feitos sobre chapa enrolada e sobre a qual é aposta uma asa, de forma simples ii. chocalhos que se aproximam do chocalho actual, no qual a chapa é dobrada ao meio, repuxada na parte da dobra, sobre as dobras coloca-se a asa e sob esta, por dentro, suspende-se um aro. As peças pré-romanas parecem seguir esta tradição, que é retomada na Alta Antiguidade, e interrompida na Época Romana. Em Portugal, são poucos os locais onde hoje se localizam chocalheiros: municípios de Bragança, Tomar, Cartaxo, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Angra do Heroísmo (Arquipélago dos Açores). Os fabricantes de chocalhos presentes nestes locais seguem duas tradições: a do ferreiro que fabrica ocasionalmente chocalhos e a do chocalheiro, que se dedica em exclusivo ao fabrico deste objecto sonoro. Em Bragança e em Angra do Heroísmo, encontramos homens que, tendo conhecimentos que os aproximam do ferreiro, fabricam chocalhos. Nos outros locais, temos especialistas, chocalheiros, que fabricam exclusivamente estes objectos sonoros em ferro forjado. Um chocalheiro pode, assim, definir-se como aquele que apenas fabrica chocalhos em ferro forjado, e eventualmente também funde campainhas, recorrendo a um equipamento muito reduzido: num banco baixo, comprido, de quatro pés, aonde existe, do lado direito, uma tesoura e, do lado esquerdo, uma bigorna. O tamanho desta bigorna e da tesoura varia conforme o tamanho do chocalho a fabricar. Além deste equipamento, o chocalheiro possuía forja e outros objectos, tais como martelos, tesouras... O chocalheiro, quando trabalha, senta-se sobre o banco, tendo de um lado a tesoura e do outro lado a bigorna. Apenas na Ereira (Tomar), a tesoura e a bigorna se encontram na ponta, e o chocalheiro cavalga o banco. O fabrico de chocalhos, feito por um chocalheiro, parte de uma chapa que é acertada com a tesoura e depois batida a frio, na bigorna, com um martelo. Primeiro martela a chapa nas pontas e depois encurva-a na bigorna. Depois dobra-a ao meio, juntando a chapa em forma de copo. Após esta operação, martela a parte fechada da chapa,

e começa a dobrar as pontas, subindo-as. Serão estas pontas, repuxadas, que servirão para suportar a asa. Após esta fase, na parte de cima do chocalho, a chapa é perfurada ao centro, e aí é colocada uma argola da parte de dentro, cujas pontas são batidas no exterior. Esta argola designa-se por "céu". É esta peça que sustenta o badalo. Após este processo, o chocalheiro numa mesa, designada por "mesa do embarramento", "embarra" o chocalho. Esta operação consiste em envolver o chocalho em barro, colocando-se pequenas peças de latão, ou cobre, em torno da peça e por dentro desta. Tradicionalmente o chocalheiro fazia esta operação sentado hoje, os chocalheiros em Ereira (Tomar) e em Alcáçovas (Fábrica Pardalinho) executam este processo em pé. Colocado na forja, ou no forno, este fica cerca de uma hora ao calor, a 1200°. É retirado do forno e rebolado, para que o latão possa percorrer toda a peça, soldando-a. É mergulhado em água e retirado do barro. O chocalheiro volta para o banco, e na bigorna, com um martelo, afina o chocalho. A afinação consiste em fazer com que o som deste corresponda ao desejado pelo pastor, ou seja, a integração identitária do som na paisagem sonora local e /ou regional. O chocalheiro até há pouco tempo não colocava o badalo no chocalho. Era ao pastor que competia o "embadalamento". Actualmente, o chocalheiro vende o chocalho completo: com badalo, correia e fivela. E estes são vendidos nos locais de fabrico e em feiras. Os chocalhos são fabricados em diversas formas e tamanhos, podendo variar de um a 50 cm. de comprimento. Uma tipologia diversa corresponde a designações diversas, quer entre chocalheiros, quer entre geografias. Mas a esta diversidade corresponde também uma unidade, quer de formas, quer de designações. O chocalho fabricado em Portugal pertence a uma família tipológica que ocupa uma geografia que vai de Portugal aos Pireneus franceses. Esta unidade parece corresponder a uma unidade de paisagem associada à transumância. O pastoralismo é a grande actividade que absorve o fabrico de chocalhos. Mas este também é usado em diversas manifestações da Cultura Popular, quer em festas cíclicas quer associado a charivaris.

### **Historial do Fabrico de chocalhos em Alcáçovas**

O Fabrico de chocalhos na Região Histórica do Alentejo encontra-se documentado para a época moderna, tendo sido possível até ao momento identificar fabricantes em várias localidades: Diogo Martins, "xocalheiro", morador em Portel e Irmão da Misericórdia desta vila, a 25 de Junho de 1601, assinava uma escritura de compra e venda de umas casas aí situadas [ADE – Arquivo Distrital de Évora, *Notários de Portel*, Lv. 2, fls. 4-7]; em Beja, vivia o chocalheiro Manuel Dias, referido no processo do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora, por ser pai de Isabel Dias, presa em 1617, acusada de judaísmo, heresia e apostasia, [ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora*, proc. 5706], e trabalhava o chocalheiro Martim Roiz, na Rua de Santa Catarina, em 1619 [António Borges Coelho, *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668*, vol. 2, 1987, p.20]; a viver em Serpa, encontrava-se o chocalheiro Roque Pires, em 1649 [MAS – Arquivo Municipal de Serpa, *Actas da Câmara de Serpa*, Lv. 2, fl. 85v]; em Estremoz, no ano de 1672, o "xocalheiro" e juiz do mesmo ofício Francisco Mendes examina o chocalheiro Manuel Alves, considerando-o apto para o exercício do

dito ofício, pelo que lhe é passada carta de examinação [AME – Arquivo Municipal de Estremoz, *Livro de examinação de ofícios*, fl. 116], sendo esta a primeira referência documental conhecida até ao momento a um juiz do ofício de chocalheiro no Alentejo.

É, no entanto, em Alcáçovas que esta actividade económica vai florescer, sem paralelos a nível nacional, durante a segunda metade do século XVIII, o que se deve muito provavelmente a razões que se prendem com a sua localização geográfica, coincidente com a rota da transumância dos gados, terminando nesta zona a canada espanhola Soriana ocidental, e dada a proximidade a Montemor-o-Novo, para onde, no século XVIII, foi levado gado merino. Com efeito, na documentação da extinta Câmara de Alcáçovas, em particular no que diz respeito à transumância, a circulação de gado oriundo de outros lugares é bastante presente. A título de exemplo, em 1778, a Câmara de Alcáçovas concedia licenças a vários pastores oriundos da Serra da Estrela para as suas ovelhas poderem pastar no termo de Alcáçovas, em várias propriedades, nomeadamente, entre outros, Inácio Rodrigues, Manuel Martins, Matias Cardoso e Manuel Ribeiro, todos “serranos da Serra da Estrela”, mediante o pagamento de 500 réis cada um [APA – Arquivo da Paróquia de Alcáçovas, *Livro de licenças da Câmara de Alcáçovas*, 1778-1802, fl. 6-7].

A existência de várias referências documentais às canadas que passam pelo território de Alcáçovas faz também prova desta ligação secular à transumância. A Junta da Paróquia de Alcáçovas (o concelho de Alcáçovas foi extinto em 1836, passando a vila e seu termo a ser uma freguesia do concelho de Viana do Alentejo), em sessão de 30 de Janeiro de 1842, “deliberou oficial à Câmara [de Viana do Alentejo] narrando que Francisco António Gallego tem impedido a canada antiga dos gados lavrando e tapando a azinhaga entre as fazendas à Cabeça Gorda sob o pretexto de haver aforado tal terreno por cuja arbitrariedade se não podem passar gados para as herdades deste termo com grave dano dos proprietários devastando-se suas propriedades (...)” [AJFA – Arquivo da Junta de Freguesia de Alcáçovas, *Livro das Sessões da Câmara e depois Junta da Paróquia de 1833 a 1844*, fl.80]. Ainda a título ilustrativo, a mesma Junta da Paróquia, em sessão de 5 de Maio de 1851, a propósito da definição e marcação de limites de parcelas de terra para aforamento e determinado sítio no termo de Alcáçovas, faz expressamente notar que se deixe “(...) ficar uma servidão bem larga por ter sido por ali a estrada das quadrilhas para Alcácer e canada de rebanhos de gados que são conduzidos à capital [Lisboa]” [AJFA, *Actas das Sessões da Junta da Paróquia da freguesia da vila de Alcáçovas*, 1844 a Março de 1860, fl.29].

Com efeito, a documentação mostra que o Fabrico de chocalhos é uma realidade na vila de Alcáçovas desde a década de '60 do século XVIII, não existindo qualquer referência anterior, para a época moderna, quer na documentação produzida pela extinta Câmara de Alcáçovas (remanescente em séries praticamente completas, em particular, livros de actas das sessões da Câmara, desde o século XVI, e livros de registos e arrematações desde o século XVIII), quer noutros fundos documentais relevantes, como é o caso dos registos notariais (subsistentes a partir de finais do século XVI) e dos registos paroquiais.

A primeira referência documental conhecida até ao momento a um chocalheiro em Alcáçovas data de 1763. A 20 de Junho desse ano, a Câmara de Alcáçovas nomeava Manuel Martins, “chocalheiro”, para o cargo de depositário dos terços do pão dos Senhores de fora da vila [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. 28, fl. 69v-70]. No entanto, esta não é a primeira vez que o nome de Manuel Martins surge na documentação: em 1745, em registo datado de 20 de Setembro, ao ingressar na Ordem Terceira da Penitência de Alcáçovas é designado por “serralheiro” [APA, *Livro de Receições, Profissões e acórdãos dos irmãos da 3ª Ordem da Penitência da Vila das Alcáçovas*, 1673-1879, fl. 48]. Pouco tempo depois, a 12 de Novembro do mesmo ano, Manuel Martins “serralheiro” é encoimado “por cavar barro na serventia [da ermida] de São Geraldo sem licença da Câmara” [APA, *Livro de Coimas do concelho de Alcáçovas*, 1743-1747, fl.108], informação que pode ser significativa para a cronologia da manufactura de chocalhos em Alcáçovas, visto o barro ser essencial para a sua produção. Com efeito, e dada a comparação das assinaturas presentes nos vários documentos oficiais, o serralheiro Manuel Martins (assim designado nas décadas de ‘40 e ‘50) e o chocalheiro Manuel Martins (assim designado, a partir de 1763) são a mesma pessoa.

O mesmo se passa com Francisco José, designado na documentação por serralheiro em 1765 e como chocalheiro a partir de 1767; com Gregório Rodrigues, designado ora como chocalheiro (1774), ora como serralheiro (1775); e com José Luís, que surge primeiro designado como serralheiro (entre 1756 e 1771) e, pelo menos a partir de 1777, como “oficial de chocalheiro”. Aliás, será José Luís o primeiro Juiz de ofício a ser nomeado pelos oficiais da Câmara de Alcáçovas, nesse mesmo ano, como se verá adiante. O facto de terem sido identificados 4 casos de serralheiros que se tornam chocalheiros, cronologicamente coevos, leva a supor que a origem do fabrico de chocalhos em Alcáçovas possa estar no seio deste grupo profissional, também dedicado às artes metalúrgicas.

Para esta cronologia, desde 1763 até finais do século XVIII, estão documentados, a exercer o seu ofício nesta vila, 21 chocalheiros:

Manuel Martins (n. 1724, Alcáçovas; f. antes de 1777);  
António José (n. 1726, Alcáçovas; f. depois de 1811);  
Francisco José (n. 1734, Alcáçovas; f. depois de 1790);  
Jacinto Martins (n. depois de 1741; f. depois de 1806);  
Gregório Rodrigues (n. década de 40’, século XVIII; f. antes de 1786);  
Gregório Vicente (n. 1745, Alcáçovas; f. depois de 1808);  
Manuel Velho (n. 1754, Alcáçovas; f. depois de 1827);  
António Carvalho Sim Sim (n. 1756, Alcáçovas; f. depois de 1819);  
José Luís (já em actividade em 1756; f. depois de 1782);  
João António Passão (n. 1760, Alcáçovas; f. depois de 1833);  
António Fernandes (n. 1760, Alcáçovas; f. depois de 1819);  
António Gião Montinho (n. 1767, São Brás do Regedouro; f. depois de 1852);  
Francisco de Oliveira ou Mendes (n. 1768, Alcáçovas; f. depois de 1806);

Manuel do Nascimento (n. 1772, Alcáçovas; f. depois de 1803);  
Sebastião de Mira (em actividade em 1767 e 1768);  
José Martins (em actividade em 1767);  
José Maria (em actividade m 1784; f. depois de 1801);  
Luís António (em actividade em 1796; f. depois de 1825);  
Luís Jacinto (em actividade em 1796; f. depois de 1805);  
Vicente José (em actividade em 1796);  
António Joaquim (documentado em 1801).

Deste universo de 21 nomes, e no actual estado de investigação, foram já localizados os registos de baptismo de 11 chocalheiros, sendo todas naturais de Alcáçovas (bem como, na maioria, os seus progenitores) à excepção de um (António Gião Montinho, natural de São Brás do Regedouro, mas que cedo vai viver para Alcáçovas); tudo leva a crer também que os restantes 10 serão também maioritariamente alcaçovenses, tendo em conta as referências documentais subsistentes. Outro aspecto interessante a reter é que este primeiro aro cronológico (1763-1800/1801) engloba a primeira geração de chocalheiros e já alguns da segunda geração, havendo desde logo a destacar as relações familiares existentes entre alguns deles, como por exemplo: Manuel Martins é irmão de António José e de Francisco José e pai de José Martins e de Jacinto Martins; Francisco José, por sua vez, é pai de João António Passão; Manuel do Nascimento é irmão de Francisco de Oliveira (que mais tarde usa o apelido Mendes); António Fernandes, vem a casar, em segundas núpcias, com Felisberta Joaquina, irmã de António Carvalho Sim Sim; Manuel Velho casa com Brizida Maria, filha de Francisco José, sendo que mais tarde, uma sua filha, Maria Brizida, irá casar com um filho de António Carvalho Sim Sim, seu homónimo; este, o primeiro António Carvalho Sim Sim (porque se seguirão vários com o mesmo nome, seus descendentes directos), virá também a casar, em segundas núpcias, com uma filha de António José.

E este é o primeiro aspecto a realçar, a continuidade do ofício no seio familiar. Os mapas genealógicos mostram, por um lado, que o conhecimento da Arte, o seu maior património, é transmitido preferencialmente de pais para filhos e, por outro, que as famílias de chocalheiros tendem a contrair matrimónios entre si (ou casam as suas filhas com outros oficiais ligados à metalurgia, caso dos ferreiros), numa clara estratégia de conservação do património, de controlo da Arte e da economia ligada ao fabrico dos chocalhos, mantendo assim também o monopólio da produção.

Com efeito, a partir das primeiras décadas do século XIX, o aumento do número de chocalheiros é exponencial, reflectindo uma segunda e já terceira gerações de chocalheiros, na sua maioria filhos e netos dos primeiros chocalheiros de Alcáçovas, já referidos. Conforme traduzem os mapas genealógicos já realizados para alguns deles (aqueles cuja investigação permitiu referências documentais precisas e inequívocas), se alguns não deixam descendência por não terem filhos ou por estes terem seguido outros modos de vida, outros há que vão ter 1 ou mais filhos que seguirão a Arte, assim como netos e por aí fora, de geração em geração, alguns ramos até aos dias de hoje. Nalguns casos, na ausência de descendentes directos do género masculino, o conhecimento é

transmitido de tio para sobrinho ou de avô para neto, sendo o seio familiar o contexto privilegiado de transmissão. E durante o Século XIX multiplicam-se as linhagens de chocalheiros que se vão constituindo no seio das oficinas familiares.

De todas as famílias de chocalheiros, haverá essencialmente 3 que se vão destacar, pela capacidade de se fazerem perpetuar no tempo até aos séculos XX e XXI, sempre em linha recta, passando o conhecimento, sucessivamente, de pais para filhos: a Família Velho, a Família Passão e a Família Sim Sim. Esta família em particular, descendente de António Carvalho Sim Sim (nascido em 1756), é a mais emblemática família de chocalheiros de Alcáçovas e do país, não só pelo número de chocalheiros que dela nasceu ao longo dos séculos, mas também pela continuidade geracional, existindo ainda descendentes directos seus em Alcáçovas (os Mestres Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim e Gregório Guerreiro Sim Sim) e em Estremoz (António Augusto Sim Sim).

A vida pessoal e profissional de todos estes chocalheiros está, na sua maioria, bastante bem documentada, o que permite aferir o seu modo de vida dos pontos de vista familiar, social, profissional, económico e financeiro. Felizmente, a documentação subsistente e levantada em vários arquivos, nomeadamente, no Arquivo da Paróquia de Alcáçovas (no qual se guarda o riquíssimo Fundo da extinta Câmara de Alcáçovas), Arquivo da Junta de Freguesia de Alcáçovas, Arquivo Distrital de Évora e Arquivo Nacional Torre do Tombo, é particularmente rica em referências não só aos primeiros chocalheiros de Alcáçovas, mas também para os seus sucessores (século XIX).

Nos livros de registos de arrematações da extinta Câmara de Alcáçovas (séculos XVIII e XIX), são numerosas as referências a chocalheiros, quer como arrematantes de serviços e bens, quer como testemunhas e fiadores em arrematações, o que atesta a sua disponibilidade financeira, capacidade económica e idoneidade pessoal. Também os registos notariais de Alcáçovas constituem um Fundo documental extraordinário para a caracterização da capacidade económica crescente dos chocalheiros e da estratégia de constituição de património: para os séculos XVIII e XIX, contam-se muitas dezenas de transacções efectuadas por chocalheiros, formalizadas em escrituras de compra e venda de bens, nomeadamente, moradas de casas, courelas, olivais, vinhas ou terras de semear pão, e escrituras relativas a contracção de empréstimos de dinheiro a juros, junto de irmandades e confrarias, da Misericórdia ou de Senhores abastados de Alcáçovas, nas quais os chocalheiros dão como garantia bens fundiários ou moradas de casas (raramente aquelas onde vivem, mas sim outras que herdaram, via família das suas mulheres ou de outros familiares).

Através destas escrituras fica-se também a conhecer as tipologias habitacionais requeridas pelos chocalheiros, bem como as zonas preferenciais para o seu estabelecimento, o que varia ao longo dos séculos. As casas onde vivem (compradas ou herdadas) têm entre 3 a mais de 10 divisões (aumentando tendencialmente com o passar do tempo, o que também mostra crescente capacidade financeira e melhoria de condições de vida), sempre com quintal e poço. Aparentemente, tudo indica que as oficinas tenham coincidido sempre com o espaço habitacional, situando-se a par do

quintal da habitação (o que só começará a mudar nos finais do século XX).

A localização das suas casas (e oficinas), vista em diacronia, acompanha a evolução histórico-urbanística da vila de Alcáçovas, na procura crescente de espaço e da melhor localização possível do ponto de vista da produção e do comércio: os chocalheiros mais antigos vivem e trabalham em ruas situadas no núcleo urbano mais antigo da vila de Alcáçovas, consolidado definitivamente no século XVI, como é o caso da Rua Direita, Rua de Alcácer, Rua do Paço, Rua do Cano, Rua dos Ciprestes, Rua do Relógio ou Rua dos Sevilhões; a partir de finais do século XVIII (e até ao século XXI), a família Sim Sim vai estabelecer-se na Rua Nova (onde ainda hoje vive o Mestre Gregório Guerreiro Sim Sim), artéria aberta entre finais do século XVI e inícios do século XVII; no século XIX, a preferência dos chocalheiros irá para o Rossio de São Pedro e, posteriormente, na viragem para o século XX, optam pela novel Rua da Esperança, onde se encontram ainda hoje as habitações e oficinas de dois Mestres chocalheiros ainda vivos: João Chibeles Penetra e Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim.

É também muito interessante o percurso social e profissional dos chocalheiros enquanto grupo. Se numa primeira fase se dedicam exclusivamente à Arte chocalheira, numa segunda fase, começam a ser nomeados pelos oficiais da Câmara para ocupar cargos públicos, seguindo até, após a Revolução Liberal (1820), carreira política na administração local. Se da 1ª geração poucos sabem assinar o seu nome, da 2ª e seguintes gerações claramente todos são instruídos, tendo havido preocupação da parte dos primeiros chocalheiros em dar educação aos seus sucessores. A pouco e pouco, logo a partir do dealbar do século XIX (2ª e 3ª gerações), os chocalheiros integram a elite local, ocupando também cargos importantes no seio da Ordem Terceira da Penitência de Alcáçovas e de outras confrarias e irmandades locais, bem como na Misericórdia.

A nomeação pela Câmara de Alcáçovas do cargo de Juiz do ofício de chocalheiro ainda no século XVIII permite aferir do carácter relevante que esta actividade passa a ter na vila de Alcáçovas, traduzindo a existência de um número significativo de oficiais/mestres chocalheiros e a previsão da produção local de chocalhos que justifique a nomeação de um juiz, o qual passa a garantir a qualidade desejada no exercício deste ofício. Note-se que os juízes, mestres dos respectivos ofícios, têm a função de examinar os oficiais a fim de os considerarem aptos ou inaptos para o exercício do respectivo ofício, passando-lhes, em caso de aprovação, a carta de examinação que lhes permitirá o exercício da sua profissão.

Nas listas de nomeações de juízes dos vários ofícios (sapateiro, carpinteiro, moleiro, etc) presentes nas actas da Câmara de Alcáçovas, será a partir de 1777 que passa a constar também a eleição e nomeação de um juiz do ofício de chocalheiro. A 16 de Abril desse ano, é nomeado para servir nesse cargo “José Luís oficial de chocalheiro”, tendo os oficiais da Câmara de Alcáçovas registado em acta o termo de juramento que faz sobre os Santos Evangelhos [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. 82, fl. 90v].

Depois do chocalheiro José Luís, os oficiais da Câmara de Alcáçovas só nomearão mais 3 juizes do ofício de chocalheiro nesta vila (prática que terminará com o Liberalismo): Gregório Vicente, a 22 de Março de 1800 [A.P.A., *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1785-1803, fl. 149]; António Carvalho Sim Sim, a 1 de Novembro de 1813 [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1803-1821, fl. 23]; e, a 14 de Fevereiro de 1819, Manuel Velho [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1803-1821, fl. 60]. Também por esta ocasião surge um novo cargo associado ao do juiz de ofício, o de escrivão do ofício de chocalheiro, sendo nomeado para tal o chocalheiro José do Carmo Velho, filho de Manuel Velho, o que pode significar a complexificação do processo conducente à emissão de cartas de examinação, bem como o avolumar do trabalho face ao aumento de chocalheiros a exercer a sua actividade em Alcáçovas.

Aparentemente, dada a ausência de outras nomeações na documentação da Câmara de Alcáçovas e tendo em conta as datas de falecimento destes 4 juizes, o cargo seria vitalício ou, pelo menos, até os nomeados se encontrarem no pleno uso das suas faculdades cognitivas.

As marcas de fabricante presentes nos chocalhos permitem também identificar, nalguns casos, esta continuidade geracional: primitivamente os chocalheiros usam cruces (tema que, aliás, será recuperado por mestres contemporâneos, ainda vivos, como Gregório Guerreiro Sim Sim e Manuel Antunes Cecílio), cujo desenho vai evoluindo até construir motivos fitomórficos (ramos), ampliados de geração para geração de forma a construir uma marca pessoal, mas sem perder as origens familiares, chegando a atingir efeitos de enorme complexidade e beleza.

Em meados de oitocentos, as oficinas organizavam-se já hierarquicamente, podendo ter um ou mais oficiais a trabalhar por oficina/ loja e aprendizes. Em 1862, a Câmara Municipal de Viana do Alentejo procedia ao tabelamento das contribuições municipais referentes aos chocalheiros, conforme obrigada por lei, documento que permite antever essa estruturação, determinando as seguintes quantias conforme a situação: oficial com loja, 500 réis; um aprendiz, 620 réis; um oficial, 750 réis; por cada oficial a mais, 250 réis [ADE, *Governo Civil de Évora, Câmara de Viana do Alentejo. Contribuições municipais*, peça 1, 1862].

No que diz respeito ao espaço de oficina, a organização espaço-funcional e as condições de trabalho não terão sofrido alterações significativas até ao século XX. A Indústria de chocalhos, tal como afirma, em 1924, José Augusto do Rosário [Mário do Rosário, *A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria*, 1925, p. 42], “encontra-se hoje como nos seus tempos primevos, no que respeita a desenvolvimento material ou condições de higiene”. O mesmo autor afirma conhecer, ao tempo, “oficinas que estão hoje talqualmente como estavam há 40 anos, tudo indicando que esse estado seja o dos seus princípios”.

## A Indústria de chocalhos

A documentação produzida pela Câmara de Alcáçovas mostra bem o desenvolvimento que o fabrico de chocalhos atinge logo a partir do último quartel do século XVIII bem como a importância desta actividade na economia e vida locais. Em 1782, por determinação registada pelos Oficiais da Câmara de Alcáçovas do dia 16 de Janeiro, o grupo dos chocalheiros passou a incluir a listagem dos oficiais (já composta por alfaiates, sapateiros, tecelões, moleiros e ferreiros) que eram obrigados a tirar licença da Câmara no caso de quererem vender os seus produtos ou artefactos localmente ou de os quererem levar para fora do termo de Alcáçovas, com o mesmo objectivo, sendo também obrigados a terem o seu regimento [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1778-1785, fl. 63].

Em relação à Feira nova, principal evento de carácter económico realizado anualmente em Alcáçovas (à semelhança de todos os concelhos do país, ao tempo), determinaram os oficiais da Câmara, logo em 1787, em sessão de vereação de 18 de Agosto, que todos os oficiais de chocalheiros, contratadores de chocalhos e ferreiros do termo deste concelho estivessem presentes na Feira nova desta vila, durante os três dias, sob pena de pagarem de condenação, se não o fizessem, a quantia de 200 réis cada um [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1785-1803, fl. 20].

Do ponto de vista da higiene urbana, também cedo irá ser alvo de preocupação da Câmara de Alcáçovas a questão relativa ao sítio para despejo dos escumalhos resultantes do processo de fabrico dos chocalhos, o que indica produção em quantidade considerável. Na sessão de vereação de 14 de Setembro de 1796, os oficiais da Câmara de Alcáçovas determinaram que nenhum oficial de fogo, tanto ferreiro como chocalheiro, pudesse deitar escumalhos sem que fosse num barranco junto à Ermida de São Pedro ou em um outro no Rossio do Pinheiro, sob pena de cadeia e pagamento de 500 réis se o fizessem em outro local [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Lv. s/n, 1795-97, fl. 114-114v].

Por outro lado, na perspectiva da utilidade pública, para além do desenvolvimento económico local, a actividade relacionada com o fabrico de chocalhos permitia solucionar problemas de carácter urbanístico. É exemplo disso uma curiosa deliberação da Junta da Paróquia de Alcáçovas, de 11 de Agosto de 1860, alegando-se o objecto de interesse público, através da qual se determina que os chocalheiros fizessem conduzir os escumalhos de suas oficinas para o rossio da vila, em particular para o espaço em frente à escola (ou para outros sítios a indicar), onde existiam várias covas que, sobretudo de Inverno, dificultam muito a passagem do professor e alunos, com o objectivo de se taparem, sendo posteriormente os escumalhos cobertos com terra, aplanando-se assim o chão [AJFA, *Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 a 1880*, fl. 3v].

Ciente da importância do Fabrico de chocalhos para o desenvolvimento social e económico de Alcáçovas, o poder local irá também tomar medidas proteccionistas da actividade, conforme mostra bem a documentação. Por exemplo, em 1878, na acta da

sessão de 24 de Agosto, e na sequência de cedência definitiva ao Conde de Alcáçovas de um terreno que antigamente era também usado livremente pela população, sito nos Coutos do Fidalgo, bem como da divisão em parcelas para aforamento de um outro terreno, a Junta de Paróquia de Alcáçovas “tendo em muita consideração o bem estar dos seus paroquianos, desejando fomentar e promover o progresso da especial industria da terra, a fabricação de chocalhos, de que numerosas famílias tiram sustento e cuja composição carece de um barro especial que se encontra naquela área de terreno outrora livre ao povo, resolveu unanimemente que em sitio mais conveniente se isolasse um pedaço de terreno especialmente destinado para aquele fim” [AJFA, Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 a 1880, fl. 116-116v]. Assim, o acesso ao barro utilizado para o fabrico de chocalhos continuava a ser livre para os chocalheiros.

Em meados do século XIX, a Industria de chocalhos era já a actividade económica mais significativa e importante de Alcáçovas. Em 1890, segundo contabilidade do Padre Joaquim Pedro de Alcântara, existiam em Alcáçovas 10 oficinas de fabrico de chocalhos e 20 chocalheiros em actividade, número só ultrapassado pelos sapateiros (26) e seguido de carpinteiros de carros (14), carpinteiros (10) e ferreiros (7) [Padre Joaquim Pedro de Alcântara, *Breves Memórias da Vila das Alcáçovas*, 1890, 2ª edição, fac-simile, 2005, p.71-72].

No século XX, José Augusto do Rosário, em texto denominado “A Industria tradicional da vila”, publicado em 1924 no livro de Mário do Rosário, “A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria”, fala na existência de inúmeras oficinas de chocalhos, sendo portanto a indústria principal da vila (são mencionadas apenas, para além destas, uma pequena oficina de fundição de campainhas e 3 fábricas de moagem), citando algumas, entre as quais as de José Bernardo Sim Sim; António Augusto Passão, Francisco António Sim Sim, Francisco d’Assis Galvão, Rodrigo José Penetra, Francisco Júlio Sim Sim, Manuel Rita Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires, Manuel Maria sim Sim e Silvério Maria Sim Sim [Mário do Rosário, *Op. Cit.*, 1924, pp.41-45]. Mário do Rosário publica ainda uma lista dos fabricantes de chocalhos ao tempo (1924), na qual constam: António Augusto Passão, Francisco d’Assis Galvão, Francisco Júlio Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires & sobrinho, Manuel Maria Sim Sim & filho e Rodrigo José Penetra.

Mas a partir da década de ’50 do século XX, o fabrico de chocalhos em Alcáçovas começa a decrescer, facto que se prende com duas ordens de factores: primeiro, o corte na transmissão por falta de descendentes do género masculino (embora alguns tios ensinam sobrinhos) ou por estes seguirem outras profissões; segundo, a quebra na procura de chocalhos dadas as alterações verificadas no mundo da pastorícia, encontrando-se a Arte chocalheira hoje, por estas duas ordens de factores e por via das suas consequências, à beira da extinção.

No que diz respeito à técnica, conforme mostram as peças mais antigas que figuram nas colecções particulares de alguns mestres chocalheiros, e por comparação com outras mais recentes, a técnica utilizada no fabrico de chocalhos em Alcáçovas é a mesma desde

o século XVIII. O processo manteve-se inalterável até aos dias de hoje, havendo a registar unicamente a substituição da forja pela utilização do forno a gás, inovação introduzida pelo Mestre chocalheiro Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim por volta do ano de 1995. Esta inovação revolucionou a produção de chocalhos na medida em que permite a cozedura simultânea de um número exponencialmente maior de chocalhos.

[EN]

### Cataloguing: Intangible

Inventory no.	ID/IMA/000918
Designation	Manufacture of Cowbells
Intangible type	UNESCO Domains ICH/Traditional craftsmanship
Intangible	ID/IMA/000936 - Campanology
Description	<p>The manufacture of cowbells is the name given by cowbell makers to the act of making the object called cowbell.</p> <p>A cowbell is an idiophone made of iron sheet, coated in brass or copper, and which shepherds hang from the neck of grazing animals.</p> <p>It is made by cowbell makers using an iron sheet which is cold-hammered on an anvil.</p> <p>When a cup shape is achieved, a piece is affixed in the inner side to suspend the strike plate, called “céu” (sky), and a loop is formed. For the welding process, the cowbell is enveloped in clay with small pieces of brass or bronze and placed in a furnace for about an hour at 1200°C.</p> <p>When removed from the furnace, the cowbell is rolled on the floor to ensure it is uniformly bathed in the liquid brass. After having been plunged in water for rapid cooling, the clay is removed.</p> <p>After having been cleaned, the cowbell is subject to the most complex manufacture operation: tuning. The cowbell is tuned, or “given the tone”, so that it may be integrated in the local and/or regional identity soundscape. This operation is performed on the anvil by striking the cowbell’s mouth with a hammer “until the sound is revealed”.</p>

### Ethno-History

The manufacture of cowbells is a metallurgical activity associated essentially to pastoralism. It consists of making an idiophone of forged metal to be suspended by a collar from the neck of animals.

All domesticated animals may use a cowbell: domestic poultry, cats, dogs, donkeys, horses, mules, sheep, pigs, cows and bulls, goats....

In shepherding, cowbells are used to locate, interpret the rhythm and activity of animals and also to provide them with magical-religious protection.

There are two types of cowbells: one with an external clapper and another with an internal clapper, either suspended or not. The western cowbell, including the cowbell made in Portugal, uses an internal clapper.

Cowbells may be made of vegetable or mineral matter, and the clapper may be of wood, bone, iron, horn or synthetic material (PVC). The making of cowbells is a very ancient craft. In the Iberian Peninsula, Celtiberian artefacts were found dating from the 1<sup>st</sup> century BC, from the Roman Period and from High Antiquity.

These cowbells reveal two types of construction: **i.** cowbells made from rolled sheet over which a handle is placed in a simple manner; **ii.** cowbells similar to current cowbells, in which the sheet is folded at the middle, drawn upward in the folded area, in which the handle is placed over the folds and a rim is hung under the handle on the inner side.

The pre-Roman pieces seem to follow this tradition, which was applied again during High Antiquity, and interrupted in the Roman Period.

In Portugal, there are currently few locations where cowbell makers can be found: the municipalities of Bragança, Tomar, Cartaxo, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo and Angra do Heroísmo (Archipelago of the Azores).

Cowbell makers in those locations maintain two traditions: blacksmiths that occasionally make cowbells, and cowbell makers who work full-time making this sound object.

In Bragança and Angra do Heroísmo, we found men who make cowbells and whose knowledge is akin to that of a blacksmith. In other locations we have specialists, cowbell makers, who work exclusively making these sound objects from forged iron.

A cowbell maker can thus be defined as someone who makes only cowbells in forged iron and who may also possibly cast bells, using a very limited selection of equipment: a long low workbench with four legs that includes, on the right side, a pair of scissors and, on the left side, an anvil. The size of this anvil and of the scissors varies according to the size of the cowbell to be made. In addition to this equipment, the cowbell maker also has a forge and other objects such as hammers, scissors....

When a cowbell maker is at work, he sits on the workbench with the scissors on one side and the anvil on the other. Only in Ereira (Tomar), the scissors and the anvil are at one end, and the cowbell maker sits astride the workbench.

A cowbell maker starts his production using a sheet which is trimmed to the correct shape with scissors and then cold-hammered on the anvil. He first hammers the sheet at the ends and then creates a curved shape on the anvil. Next, he folds it at the middle, joining the sheet in cup shape. After this operation, he hammers the closed part of the sheet and starts to fold the ends by raising them. These drawn-up ends are used to support the handle. After this stage, the sheet at the top of the cowbell is perforated in the middle where a ring is placed in the inner side and whose ends are hammered on the exterior. This ring is called “céu” (sky). This is the part that supports the clapper.

After this process, the cowbell maker works at a table, called “claying table”, on which he applies clay to the cowbell. This operation consists of enveloping the cowbell in clay, whilst placing small pieces of brass, or copper, around and inside the part. Traditionally, cowbell makers performed this operation sitting down; today, cowbell makers in Ereira (Tomar) and in Alcáçovas (Pardalinho Factory) perform this task standing up.

Placed in the forge, or in the furnace, the cowbell is heated at 1200°C for about one hour. When removed from the furnace, the cowbell is rolled on the floor to ensure it is uniformly bathed in the liquid brass that consequently welds it. The cowbell is then plunged in water for rapid cooling, and the clay is removed.

The cowbell maker returns to the workbench and, on the anvil, tunes the cowbell with a hammer. Tuning consists of ensuring that its sound corresponds to the sound desired by the shepherd, in other words, by integrating the sound’s identity in the local and/or regional soundscape.

Until recently, the cowbell maker did not install the clapper in the cowbell. The shepherd was the person who was responsible for “giving it the tone”. Currently, a cowbell maker sells cowbells fully assembled: with the clapper, strap and buckle. Moreover, cowbells are sold at the place of production or at fairs.

Cowbells are made in various shapes and sizes, and may vary from 1 to 50 cm in length. The different types are given different names, either by cowbell makers or in different geographic locations.

However, this diversity also corresponds to a unit, both in shapes and names.

Cowbells made in Portugal belong to a family type occupying a geographical area spanning to the French Pyrenees. This unit seems to correspond to a landscape unit associated to transhumance.

Pastoralism is the main activity for which cowbells are made. Nevertheless, cowbells are also used in various popular culture activities, both at cyclical festivities and associated to charivaris.

### **History of cowbell making in Alcáçovas**

Cowbell making in the Historical Region of the Alentejo has been documented in the modern era and makers can be identified in various towns: on 25 June 1601, Diogo Martins, *xocalheiro* (cowbell maker), resident in Portel and Brother of the Misericórdia in that town, signed a deed of sale for houses situated there [ADE – Évora District Archives, *Notários de Portel*, Book 2, p. 4-7]; the cowbell maker Manuel Dias lived in Beja, referred to in a case in the Court of the Holy Inquisition of Évora, as the father of Isabel Dias, arrested in 1617, accused of Judaism, heresy and apostasy, [ANTT – Torre do Tombo National Archives, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora*, case 5706], and the cowbell maker Martim Roiz worked on Rua de Santa Catarina, in 1619 [António Borges Coelho, *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668*, vol. 2, 1987, p. 20]; the cowbell maker Roque Pires was living in Serpa in 1649 [MAS – Serpa Municipal Archives, *Actas da Câmara de Serpa*, Book 2, p. 85v]; in Estremoz, in 1672, the *xocalheiro* and judge of the same craft Francisco Mendes examined the cowbell maker Manuel Alves, considering him capable of pursuing the craft, for which reason he was issued a letter of examination [AME – Estremoz Municipal Archives, *Livro de examinação de ofícios*, p. 116], this being to date the first documentary reference known to a judge of the craft of cowbell maker in the Alentejo.

It was however in Alcáçovas that this activity was to develop without parallel at a national level, during the second half of the 18th century. This was probably for reasons related to its geographic location, coinciding with transhumance routes, with the Spanish *canada* (drovers’ road) known as Cañada Real Soriana Occidental ending in this area, and due to its proximity to Montemor-o-Novo, where merino sheep were taken in the 18th century. Indeed, documents from the former Municipal Council of Alcáçovas, specifically related to transhumance, there are a number of references for the circulation of livestock from other areas. For example, in 1778, the Municipal Council of Alcáçovas granted licences to several shepherds from the Serra da Estrela for their sheep to graze in the Alcáçovas region, on various properties, including, among others, Inácio Rodrigues, Manuel Martins, Matias Cardoso and Manuel Ribeiro, all “mountain people from the Serra da Estrela”, in

return for payment of 500 réis each [APA – Alcáçovas Parish Archives, *Livro de licenças da Câmara de Alcáçovas*, 1778-1802, p. 6-7].

The existence of various documentary references to *canadas* that passed through the territory of Alcáçovas is also proof of these historical links to transhumance. The Parish Council of Alcáçovas (the municipality of Alcáçovas was abolished in 1836, the town and its surrounding area becoming a parish of the municipality of Viana do Alentejo), at a session on 30 January 1842, “agreed to write to the Municipal Council [of Viana do Alentejo] to say that Francisco António Gallego had blocked the ancient *canada* for livestock, ploughing and closing the lane between the properties at Cabeça Gorda under the pretext of having leased that land as a result of which arbitrariness livestock cannot pass to the estates of this term with serious damage to the owners devastating their properties (...)” [AJFA – Archives of the Parish Council of Alcáçovas, *Livro das Sessões da Câmara e depois Junta da Paróquia de 1833 a 1844*, p. 80]. As another example, the same Parish Council, in a session on 5 May 1851, with regard to the definition and marking of limits of plots of land for leases and a particular site in the area of Alcáçovas, a specific mention was made to “(...) leave a wide right of way as that had been the road for herds to Alcácer and a *canada* for flocks of livestock that are led to the capital [Lisbon]” [AJFA, *Actas das Sessões da Junta da Paróquia da freguesia da vila de Alcáçovas, 1844 a Março de 1860*, p. 29].

Indeed, documents show that cowbell making has been present in the town of Alcáçovas since the 1760s, and there is no earlier reference for the modern era, whether in documents produced by the former Municipal Council of Alcáçovas (which have survived in practically complete series, including books of minutes of the meetings of the Council, from the 16th century, and books of records and auctions from the 18th century), or in other relevant documentary resources, such records as notary (which have survived from the late 16th century) and parish records.

To date, the earliest known documentary reference to a cowbell maker in Alcáçovas is from 1763. On 20 June of that year, the Municipal Council of Alcáçovas appointed Manuel Martins, “cowbell maker”, to the office of custodian of the “thirds of bread of the Lords of outside the town” [APA, *Minute Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book 28, p. 69v-70]. However, this was not the first time that the name of Manuel Martins had appeared in documents: in 1745, in a record dated 20 September, on entering the Third Order of Penitence of Alcáçovas, he was referred to as a locksmith [APA, *Livro de Receições, Profissões e acórdãos dos irmãos da 3ª Ordem da Penitência da Vila das Alcáçovas, 1673-1879*, p. 48]. Shortly after this, on 12 November of the same year, Manuel Martins “locksmith” was fined “for digging clay in the land [of the chapel] of São Geraldo without a licence from the Council” [APA, *Livro de Coimas do concelho de Alcáçovas, 1743-1747*, p. 108], information that may be significant for a chronology of cowbell making in Alcáçovas, since clay is essential in their production. Indeed, from a comparison of the signatures on various official documents, it is clear that the locksmith Manuel Martins (referred to thus in the 1740s and 1750s) and the cowbell maker Manuel Martins (referred to thus from 1763) are the same person.

Similar cases are Francisco José, designated in documents as a locksmith in 1765 and as a cowbell maker after 1767; Gregório Rodrigues, referred to as a cowbell maker (1774) and

as a locksmith (1775); and José Luís, who appeared first as a locksmith (between 1756 and 1771) and after at least 1777 as a cowbell maker. Indeed, José Luís was the first judge of the craft to be appointed by the Municipal Council of Alcáçovas, in that same year, as we will see below. The fact that 4 cases of locksmiths who became cowbell makers have been identified, during the same period, leads us to suppose that the origins of cowbell making in Alcáçovas can be found in this metal-working profession.

For this chronology, from 1763 to the late 18th century, 21 cowbell makers were documented, working in this town:

Manuel Martins (b. 1724, Alcáçovas; d. before 1777);  
António José (b. 1726, Alcáçovas; d. after 1811);  
Francisco José (b. 1734, Alcáçovas; d. after 1790);  
Jacinto Martins (b. after 1741; d. after 1806);  
Gregório Rodrigues (b. 1740s; d. before 1786);  
Gregório Vicente (b. 1745, Alcáçovas; d. after 1808);  
Manuel Velho (b. 1754, Alcáçovas; d. after 1827);  
António Carvalho Sim Sim (b. 1756, Alcáçovas; d. after 1819);  
José Luís (already active in 1756; d. after 1782);  
João António Passão (b. 1760, Alcáçovas; d. after 1833);  
António Fernandes (b. 1760, Alcáçovas; d. after 1819);  
António Gião Montinho (b. 1767, São Brás do Regedouro; d. after 1852);  
Francisco de Oliveira or Mendes (b. 1768, Alcáçovas; d. after 1806);  
Manuel do Nascimento (b. 1772, Alcáçovas; d. after 1803);  
Sebastião de Mira (active in 1767 and 1768);  
José Martins (active in 1767);  
José Maria (active in 1784; d. after 1801);  
Luís António (active in 1796; d. after 1825);  
Luís Jacinto (active in 1796; d. after 1805);  
Vicente José (active in 1796);  
António Joaquim (documented in 1801).

Of this sample of 21 names, and in the current stage of research, the baptism records of 11 cowbell makers have been located, all born in Alcáçovas (as were most of their parents), with the exception of one (António Gião Montinho, born in São Brás do Regedouro, but who moved to Alcáçovas at a young age); there is every reason to believe that the remaining 10 were also mainly from Alcáçovas, in the light of surviving documentary references. Another interesting aspect to consider is that this first chronological period (1763-1800/1801) covers the first generation of cowbell makers and already some from the second generation, with family relations between them already notable, for example: Manuel Martins was the brother of António José and Francisco José and the father of José Martins and Jacinto Martins; Francisco José was, in turn, the father of João António Passão; Manuel do Nascimento was the brother of Francisco de Oliveira (who later used the surname Mendes); António Fernandes's second marriage was to Felisberta Joaquina, the sister of António Carvalho Sim Sim; Manuel Velho married Brizida Maria, a daughter of Francisco José, and subsequently a daughter of his, Maria Brizida, married a son of António

Carvalho Sim Sim, who had the same name; this first António Carvalho Sim Sim (because he was followed by several other with the same name, his direct descendants), also married (his second marriage) a daughter of António José.

And this is a first aspect to highlight: the continuity of the craft through families. Genealogical maps show both that knowledge of the art, its greatest heritage, was transferred preferably from fathers to sons and that families of cowbell makers tended to marry among themselves (or they married their daughters to other crafts associated with metalworking, such as smiths), in a clear strategy of conservation of assets, control of the art and economy associated with cowbell making, thus also maintaining a monopoly of production.

Indeed, from the early decades of the 19th century, the increase in the number of cowbell makers is exponential, reflecting the second and third generations of cowbell makers, mostly sons and grandsons of the first cowbell makers of Alcáçovas, referred to above. As reflected in the genealogical maps already drawn up for some of these families (those for which research has found exact and unequivocal documentary references), while some left no descendants in the craft as they had no sons or their sons followed other professions, others had 1 son or more who follow the art, as well as grandsons and further descendants, from generation to generation, the branches of some families to the present day. In some cases, in the absence of direct male descendants, knowledge was passed on from an uncle to a nephew or from a grandfather to a grandson, the family being the favoured context for this transmission. And during the 19th century the lineages of cowbell makers established in the familiar workshops multiplied.

Of all the families of cowbell makers, 3 were to stand out, for their capacity to continue into the 20th and 21st centuries, always through a direct line, passing down knowledge from fathers to sons: the Velho family, the Passão family and the Sim Sim family. This last family, in particular, descending from António Carvalho Sim Sim (born in 1756), is the most emblematic family of cowbell makers in Alcáçovas and indeed in the whole country, not only for the number of cowbell makers it has produced over the centuries, but also for its generational continuity, with António's direct descendants still working in Alcáçovas (the masters Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim and Gregório Guerreiro Sim Sim) and in Estremoz (António Augusto Sim Sim).

The personal and professional lives of all these cowbell makers is mostly quite well documented, which enables us to study their way of life in family, social, professional, economic and financial terms. Fortunately, surviving documents studied in various archives, including, the Archives of the Parish of Alcáçovas (which also contains the very extensive archives of the former Municipal Council of Alcáçovas), the Archives of the Parish Council of Alcáçovas, Évora District Archives and the Torre do Tombo National Archives, are particularly rich in references not only to early cowbell makers of Alcáçovas, but also to their successors (19th century).

In the auction record books of the former Municipal Council of Alcáçovas (18th and 19th centuries), there are numerous references to cowbell makers, as bidders for services and goods and as witnesses and guarantors in auctions, evidence of their financial capacity and good standing. The notary records of Alcáçovas are also an extraordinary source of documents to characterise the growing financial capacity of cowbell makers and their strategy to establish property: in the 18th and 19th centuries, there were dozens of transactions by cowbell makers, formalised in public deeds of sale for houses, strips of land, olive groves, vineyards or land for growing cereals, and other deeds related to loans of money with interest involving brotherhoods and confraternities, the Misericórdia or Gentlemen wealthy of Alcáçovas, in which cowbell makers gave as guarantees land or houses (rarely those in which they lived, but instead others that they had inherited, through their wives or other relatives).

Through these deeds, we can also find out the type of residences required by cowbell makers, as well as the areas where they preferred to have their workshops, which varied over the centuries. The houses where they lived (bought or inherited) had between 3 and more than 10 rooms (tending to increase over the years, which also shows their growing financial capacity and improved living conditions), always with a garden and well. Apparently, their workshops always coincided with their residences, being situated in their gardens (this only began to change in the late 20th century).

The location of their homes (and workshops), viewed diachronically, accompanied the historical evolution of the town of Alcáçovas, and the growing demand for space and the best possible location from the point of view of production and trade: the first cowbell makers lived and worked in streets in the oldest part of the town of Alcáçovas, permanently settled in the 16th century, such as Rua Direita, Rua de Alcácer, Rua do Paço, Rua do Cano, Rua dos Ciprestes, Rua do Relógio and Rua dos Sevilhões; from the late 18th century (and until the 21st century), the Sim Sim family lived on Rua Nova (where master Gregório Guerreiro Sim Sim still lives today), a street opened between the late 16th century and early 17th century; in the 19th century, the preference of cowbell makers was Rossio de São Pedro and, after, at the turn of the 20th century, they opted for the new Rua da Esperança, where the homes and workshops of two masters cowbell makers can still be found: João Chibeles Penetra and Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim.

The social and professional development of cowbell makers as a group is also very interesting. While initially they devoted themselves entirely to making cowbells, in a second phase, they started to be appointed by the Council to public offices and after the Liberal Revolution (1820), they began to follow political careers in local government. In the 1st generation, few were able to sign their name, while in the 2nd and later generations they were clearly all educated, the first cowbell makers being concerned with ensuring that their successors were educated. Little by little, from the early 19th century (2nd and 3rd generations), the cowbell makers became part of the local elite, also holding important positions in the Third Order of Penitence of Alcáçovas and other local confraternities and brotherhoods, as well as in the Misericórdia.

The appointment by the Municipal Council of Alcáçovas of the office of Judge of the craft of cowbell making already in the 18th century demonstrates the importance gained by this activity in the town of Alcáçovas, reflecting the existence of a significant number of cowbell makers and the prediction of sufficient local production of cowbells to justify the appointment of a judge, who began to guarantee the quality desired in this craft. It is to be noted that the judges, masters of their crafts, were responsible for examining the craftsmen in order to consider them fit or unfit to pursue their craft, issuing, in the case of approval, a letter of examination that allowed them to pursue their profession.

In the lists of appointments of judges for different crafts (cobble, carpenter, miller, etc) present in the minutes of the Council of Alcáçovas, it was from 1777 that they began to also include the election and appointment of a judge for the craft of cowbell maker. On 16 April of that year, “José Luís oficial de chocalheiro” was appointed to that office, and the members of the Council of Alcáçovas recorded in the minutes the oath that he made over the Holy Gospels [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book 82, p. 90v].

After the cowbell maker José Luís, the Council of Alcáçovas only appointed a further 3 judges for the craft of cowbell maker in this town (this practice was abolished under Liberalism): Gregório Vicente, on 22 March 1800 [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1785-1803, p. 149]; António Carvalho Sim Sim, on 1 November 1813 [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1803-1821, p. 23]; and, on 14 February 1819, Manuel Velho [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1803-1821, p. 60]. Also on this occasion a new office associated with the craft judge appeared, which was the clerk of the cowbell making craft, the person appointed being the cowbell maker José do Carmo Velho, a son of Manuel Velho, which may have implied an increased complexity in the process of issuing letters of examination, as well as an increase in the volume of work, in view of the increase in the number of cowbell makers working in Alcáçovas.

Apparently, given the absence of other appointments in the documents of the Municipal Council of Alcáçovas and bearing in mind the dates on which these 4 judges died, the positions would have been held for life or, at least, while the judges appointed were still of sound mind.

The makers marks on cowbells also help us to identify this generational continuity in some cases: originally cowbell makers used crosses (a symbol that has indeed been recovered by contemporary living masters, such as Gregório Guerreiro Sim Sim and Manuel Antunes Cecílio), the design of which evolved to form naturalistic motifs (bouquets), expanded from generation to generation in order to create a personal mark, but without losing their family origin, achieving effects of great complexity and beauty.

In the mid-18th century, the workshops were already organised in a hierarchy and could have one or more craftsmen in each workshop/shop and apprentices. In 1862, the Municipal Council of Viana do Alentejo set out a table of municipal contributions for cowbell makers, as required by law, a document that reflects this structure, specifying the following amounts depending on their situation: craftsman with shop, 500 réis; one

apprentice, 620 réis; one craftsman, 750 réis; for each additional craftsman, 250 réis [ADE, *Governo Civil de Évora, Câmara de Viana do Alentejo. Contribuições municipais*, peça 1, 1862].

The spatial and functional organisation and the working conditions in the workshops did not significantly change until the 20th century. The cowbell industry, as noted by José Augusto do Rosário in 1924 [Mário do Rosário, *A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria*, 1925, p. 42], “is today just as in its primeval times, with regard to material progress or conditions of hygiene”. The same writer said that he knew, at the time, “workshops that are today exactly the same as they were 40 years ago, everything indicating that this state is its original state”.

### **The cowbell industry**

The documents produced by the Municipal Council of Alcáçovas clearly show the development of cowbell making from the last quarter of the 18th century as well as the importance of this activity in the local economy and life. In 1782, by order recorded by the Municipal Council of Alcáçovas on 16 January, the group of cowbell makers was included in the list of craftsmen (already comprising tailors, cobblers, weavers, millers and smiths) that were required to obtain a licence from the Council if they wanted to sell their products or artefacts locally or wanted to take them outside the Alcáçovas area, for the same purpose, and they were also required to have their regulations [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1778-1785, p. 63].

With regard to the Feira Nova, the annual fair that was main economic event of each year in Alcáçovas (like all municipalities in the country, at the time), the Municipal Council, in 1787, at a session of the council on 18 August, decided that all cowbell craftsmen, contractors and smiths in the municipality were to be present at the Feira Nova in the town, for three days, under penalty of a fine of 200 réis each [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1785-1803, p. 20].

From the point of view of urban hygiene, a site for dumping the debris from cowbell making also soon became a concern for the Municipal Council of Alcáçovas, which indicates the production of considerable quantities. At the council session on 14 September 1796, the members determined that no craftsman of fire, whether smith or cowbell maker, could throw away debris anywhere except in a gully near the Chapel of São Pedro or in another site on the Rossio do Pinheiro, under penalty of a fine 500 réis if they dumped debris anywhere else [APA, *Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas*, Book n/n, 1795-97, p. 114-114v].

Moreover, from the perspective of public interest, apart from local economic development, activities related to cowbell making helped to solve problems of an urban nature. An example of this is a curious decision of the Parish Council of Alcáçovas, on 11 August 1860, claiming public interest, through which it was determined that cowbell makers should take their debris to the town square (*rossio*), particularly the space in front

of the school (or to other sites to be specified), where there were various pits that, particularly in winter, hindered the paths of the teacher and pupils, with the aim of covering them, the debris being later covered with earth, to flatten the ground [AJFA, *Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 to 1880*, p. 3v].

Aware of the importance of the cowbell making for the social and economic development of Alcáçovas, local power also took measures to protect the activity, as clearly shown in documents. For example, in 1878, in the minutes of the session on 24 August, and following the permanent transfer to the Count of Alcáçovas of land that had previously been freely used by the local residents, situated in the Coutos do Fidalgo, as well as the division into plots for leases of another area of land, the Parish Council of Alcáçovas “taking into full consideration the well-being of its residents, desiring to encourage and promote the progress of the town’s special industry, cowbell making, from which numerous families earn their livelihood and whose composition requires a special clay that is found in that area of land formerly open to the people, unanimously decided that at a more convenient site to separate a bit of land especially intended for that purpose” [AJFA, *Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 to 1880*, p. 116-116v]. Thus, access to the clay used to make cowbells remained free for cowbell makers.

In the mid 19th century, the cowbell industry was already the most significant and important economic activity in Alcáçovas. In 1890, according to the calculations of Father Joaquim Pedro de Alcântara, in Alcáçovas there were 10 cowbell production workshops and 20 active cowbell makers, a number only exceeded by cobblers (26) and followed by cart makers (14), carpenters (10) and smiths (7) [Padre Joaquim Pedro de Alcântara, *Breves Memórias da Vila das Alcáçovas, 1890*, 2nd edition, fac-simile, 2005, p. 71-72].

In the 20th century, José Augusto do Rosário, in a text entitled “A Industria tradicional da vila”, published in 1924 in Mário do Rosário’s book “A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria”, wrote of the existence of numerous cowbell workshops, making it the main industry in the town (other than these workshops, the only other references are to a small bell-casting workshop and 3 cereal mills), and included José Bernardo Sim Sim; António Augusto Passão, Francisco António Sim Sim, Francisco d’Assis Galvão, Rodrigo José Penetra, Francisco Júlio Sim Sim, Manuel Rita Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires, Manuel Maria Sim Sim and Silvério Maria Sim Sim [Mário do Rosário, *Op. Cit.*, 1924, p. 41-45]. Mário do Rosário also published a list of cowbell makers at the time (1924), which included: António Augusto Passão, Francisco d’Assis Galvão, Francisco Júlio Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires & nephew, Manuel Maria Sim Sim & son and Rodrigo José Penetra.

However, from the 1950s, cowbell making in Alcáçovas began to decline, for two main reasons: firstly, a break in the transmission of knowledge due to lack of male descendants (although some uncles taught nephews) or because they followed other professions; secondly, the fall in demand for cowbells given the changes occurring in pasturing, for which reason the art of cowbell making is today on the verge of extinction, due to these two factors and their consequences.

With regard to the technique, as show by the older pieces from the private collections of some master cowbell makers, in comparison with more recent pieces, the technique used to make cowbells in Alcáçovas has been the same since the 18th century. The process has remained unchanged to the present day, with only the forge replaced by a gas-fired kiln, an innovation introduced by the master cowbell maker Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim around 1995. This innovation revolutionised the production of cowbells to the extent that it allows an exponentially larger number of cowbells to be fired at the same time.

### Specific information

Support		
Support	Entity	Date
Safeguarding/Promotion	Municipality of Viana do Alentejo	2013

Notes: The Town Council of Viana do Alentejo has supported the publication of books about the history of cowbell production in Alcáçovas and also of promotional documents. In 2013, it published the book by André Correia, *Os chocalhos e a sua relevância para a vila das Alcáçovas* (Cowbells and their relevance for the town of Alcáçovas), Lisbon: Esfera do Caos.

Safeguarding/Promotion	Parish Council of Alcáçovas	2012
------------------------	-----------------------------	------

Notes:	The Parish Council of Alcáçovas has supported the publication of books about the history of cowbell production in Alcáçovas and also of promotional documents. In 2012, it published <i>BI do Chocalho</i> (The ID of Cowbells).	
Safeguarding\Sustainability	Municipality of Viana do Alentejo	
Notes:	The Town Council of Viana do Alentejo has been acquiring cowbells from the producers of Alcáçovas to build a collection and for institutional gifts.	
Safeguarding\Research	Municipality of Viana do Alentejo	2011
Notes:	The Town Council of Viana do Alentejo has supported scientific meetings about cowbell making in Alcáçovas. In 2011, the 1 <sup>st</sup> Forum-Workshop on the Arts of Iron and Fire was held, dedicated to safeguarding the Art of Making Cowbells.	
Safeguarding\Research	Parish Council of Alcáçovas	2011
Notes:	The Town Council of Viana do Alentejo has supported scientific meetings about cowbell making in Alcáçovas. In 2011, the 1 <sup>st</sup> Forum-Workshop on the Arts of Iron and Fire was held, dedicated to safeguarding the Art of Making Cowbells.	

Topic / Subject	
Topic	Subject
Landscape-ID\Manufacture of cowbells	

Apprenticeship	
Apprenticeship	Description
Corporate	Cowbells were made by families who took up this trade. Today, that training is given only by the Pardalinho company, in the town of Alcáçovas, through community aid, but with a low success rate. Until now, no cowbell maker has been trained.
Family	The transmission of knowledge on cowbell making within the family is the most common means of training. Traditionally, fathers trained their sons.

Characteristic	
Characteristic	Description
Cowbell making\Preparing the sheet\Scribing	The iron sheet, acquired at different warehouses and of various thicknesses, is scribed using a piece of slate or chalk to divide it into smaller sizes that will be used to make the cowbell body. Trimmings are used for handles, clappers and edging.
Notes:	See glossary
Cowbell making \Preparing the sheet\Cutting	The iron sheet, of different thicknesses according to the size of the cowbell, is cut into smaller sheets that will be used to shape the cowbell body. In the past, the sheet was cut using a cowbell maker's scissors, today a guillotine is used.
Cowbell making\Preparing the sheet\Untempering	Iron plates, of different thicknesses according to the size of the cowbell, are piled, placed in the furnace and afterwards pounded with a mallet. This procedure is used to remove the oil and to make the sheets softer.
Cowbell making\Shaping the cowbell body\Cutting	Sitting on the workbench, the cowbell maker trims the sheet that will form the cowbell body. With the scissors, he cuts some notches that will be used to fasten the folded parts when he folds the cowbell.
Cowbell making\Shaping the cowbell\Rolling	Sitting on the workbench, the cowbell maker places the sheet on the anvil and starts to roll it until it forms the body. He attaches the parts using the previously cut notches.
Cowbell making\Shaping the cowbell\Folding	Sitting on the workbench, the cowbell maker, with a cowbell placed around the anvil, begins to place the corners, the so-called ears. These ears will hold the handle. He makes an incision at the bottom of the cowbell and places the "céu" there, the ring that will hold the clapper. He places the handle, the clappers or the edging.
Notes: See glossary	
Cowbell making\Placing markings (maker and/or owner)	If the cowbell bears markings, which may indicate the maker and/or owner, these are placed on the cowbell body, attached by a wire. The production marking is placed on the front of the cowbell and the ownership marking is placed on the back of the cowbell. The markings are made using a centre punch, as in Asseiceira, or with smaller scissors, as in Alcáçovas, Reguengos de Monsaraz or Estremoz.
Cowbell making\Preparation for placing in the furnace\Enveloping in clay	In an area separate from the shop/workshop, where the clay applier works, the cowbells are enveloped in clay on the claying stone. Applying the clay consists of creating a cocoon of clay mixed with shredded straw. The clay is spread out on the stone and the cowbell is placed over it. In this process, small pieces of brass are placed between the clay and the cowbell and inside the cowbell, where a small piece of wood or coal is also placed. After the cocoon is finished, the clay is perforated in the cowbell mouth which will enable the cowbell maker to monitor the welding of the cowbell. The Maia Family\ Pardalinho Company, as well as the cowbell maker of Ereira, trained by this family, apply the clay whilst standing up. All other cowbell makers apply the clay whilst sitting.
Cowbell making\Preparation for placing in the furnace\Drying	After application of the clay, cowbells are left to dry for weeks, months or even years. Cowbells are placed in the furnace according to demand from customers.
Cowbell making\Preparation for placing in the furnace\Welding	The cowbell is placed in the furnace at about 1200°C. In the past, the furnace could not exceed 600°C. When the cowbell maker notices that the brass has become liquid – which occurs when the colour of the flame coming from within the cowbell through the hole in its mouth changes from orange to blue – the cowbell is removed and placed on the floor.

Cowbell making\Preparation for placing in the furnace\Rolling	After being removed from the furnace, the cowbell is rolled so that the brass, in a liquid state, will uniformly bathe the whole piece. The cowbell is rolled using an iron bar. In former times, the cowbell was rolled on a bed of charcoal. Today it is rolled on a concrete floor.
Cowbell making\Preparation for placing in the furnace\Tempering	After the cowbell has been rolled and when it is observed that the brass has fully bathed the piece, the cowbell is plunged in a water vat for rapid cooling. This plunging is called “tempering”. It is then plucked from the water, the baked clay is removed and the cowbell is removed and cleaned.
Cowbell making\Giving it the tone	The cowbell maker takes, once again, the cowbell to the cowbell maker’s workbench. He tunes it on the anvil with a hammer. Tuning is performed first by striking it with a wood clapper inside the cowbell to test its sound. Using the anvil, the cowbell is subject to a number of skilful hammer strikes with the purpose of “gathering the voices”. In the centre and south of Portugal, cowbells are tuned from its interior; in the north and on Terceira Island, from its exterior. In Spain, tuning is performed along a crease next to the mouth. In some locations, to make the sound sharper, holes are made next to the handle, which is called “making ears”. This is the most complex stage in the chain of operations. A cowbell maker is recognised as a master, not only when he is an expert at making any type of cowbell, but also when he knows how to tune it. During our field work throughout Portugal, we have come across a range of sound preferences: each historic region has a specific tuning, which is recognised and requires that the cowbell maker match that sound identity. As such, a cowbell made in Alcáçovas will probably be re-tuned in Bragança or on Terceira Island (Azores).

Cowbell making\Completing the cowbell\Placing the clapper	After tuning, the clapper is placed inside the cowbell, suspended on an “embadaladoiro”, on a ring called “céu” (sky). Depending on their size or on the historic zone of Portugal, clappers may be made of horn (north and Azores), wood (north, centre and south), of iron (applied to small cowbells throughout the country) or in PVC, consequent to a degree of industrialisation, the latter being imported from Spain. The clapper may be suspended only by a leather strap or on a small stick suspended on leather that holds the clapper, called “cartel”.
---	--

Cowbell making\Completing the cowbell\Placing the collar	The collar, which passes through the handle, is used to suspend the cowbell from the animal’s neck. It may be made of leather or strips of tyre. There are three ways of closing the collar: using (i) a “meã”, which is a method of tying the collar with strips; using (ii) a “cágueda”, a wood piece that joins the two ends of the collar by passing through them; and using (iii) a metal buckle.
--	--

Chronology					
Initial date	Final date	Epoch	Textual date	Occurrence	Justification
		Protohistory		The first cowbells made of iron sheet appeared	Within an archaeological context, Celtiberian cowbells from the 3 <sup>rd</sup> century BC were found.
		Roman		Cowbells were found in São Cucufate, Alentejo.	The Casa do Arco Museum displays cowbells found in the excavations of the Roman village of São Cucufate dated from the 4 <sup>th</sup> century.

Designation		
Designation type	Designation	Justification
Common	Cowbell industry	Common designation in the second half of the 19 <sup>th</sup> century.
Common	Cowbell art	Ethnographic means of designating the production of cowbells. Also rooted in

		the old means of designating mechanical trades as an art and artisans as artists.
Common	Cowbell making	Common means of designating the production of cowbells.
Popular	Making cowbells	Local means of designating the production of cowbells.

<b>Legal provision</b>		
Provision type	Document	Date
Convention	Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage	2003-10-17
Notes:	Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage adopted by the UNESCO General Conference. This is a fundamental document for building the concept of intangible cultural heritage.	

Decree	Decree by the President of the Republic No. 28/2008	2008-03-26
Notes:	Ratification of the Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, adopted in the 32 <sup>nd</sup> Session of the UNESCO General Conference, in Paris on 17 October 2003, approved for ratification by Parliament Resolution no. 12/2008, on 24 January.	

Decree-Law	Decree-Law No. 139/2009	2009-06-15
Notes:	Establishes the legal policy for the safeguarding of the intangible cultural heritage and appointed the Commission for Intangible Cultural Heritage.	

Ordinance	Ordinance No. 196/2010	2010-04-09
Notes:	Approves the form for requesting an inventory of a manifestation of Intangible Cultural Heritage and the respective rules for filling out the inventory sheet. This statute also defines the conditions to be met regarding the process of identifying, studying and documenting the ICH, including the scope of the research methods and techniques to be applied, as well as the academic qualifications to be held by the professionals responsible for that process.	

<b>Strengthening</b>		
Strengthening	Description	Date
Safeguarding\Revitalisation	CREATE AND IMPLEMENT AN INTERPRETATION CENTRE TO FOSTER AND DEVELOP A PARTNERSHIP NETWORK	
Notes:	To create a platform that would implement a strategy for the safeguarding of the manufacture of cowbells in Alcáçovas, in the municipality of Viana do Alentejo. This strategy would also be sustained through the setting up of a network of institutions that would bring together bearers, university research centres and cultural economic agents at the local, regional, national and international levels. Action: The mission of the 'Interpretation Centre for pastoralism and traditional metallurgy' would be to safeguard the arts of pastoralism and the metallurgical techniques and skills associated with grazing, the making of cowbells and the casting of bells and hand bells. It would have an exhibition area, a documentation centre, a training area and a shop. This centre would work in collaboration with the existing workshops, both in Alcáçovas and in the rest of the country, thus serving to safeguard the cowbell in Portugal.	

Safeguarding\	TRANSMISSION
---------------	--------------

Transmission	
Notes:	To encourage the transmission of the skills involved in making cowbells by creating the figures of Master of the Art and the Apprentice of the Art, inspired in the Living Human Treasures Programme (UNESCO). Actions: To create a fund to underpin the transmission of the art of making cowbells. This transmission, from master to apprentice, would take place over five years and would have the objective of creating new masters of cowbell making. The training programme would be run by the four masters of cowbell making who have already signalled their willingness to pass on their knowledge to others who are not members of their families, thus breaking with their families-only tradition.
Safeguarding\ Sustainability	ENCOURAGE AND CREATE ECONOMIC SUSTAINABILITY
Notes:	The manufacture of cowbells is an economic activity that can only continue if the cowbells that are produced are then sold. The aim here is to create an awareness-raising and promotional strategy that will help the business activity achieve sustainability in the medium term and, so, stave off extinction.

Safeguarding\ Protection	FOSTER LEGAL PROTECTION
Notes:	Cowbell making has remained unchanged for more than two thousand years. All cowbell makers are insistent that cowbells should be made through the application of human effort alone. The aim is to create a strategy for protecting the intangible cultural asset and safeguard the intellectual property aspect of the business, defending the viewpoint that the masters of cowbell making own the manufacture of this sonorous object.

Safeguarding\ Research	RESEARCH AND DISSEMINATION
Notes:	A multidisciplinary research strategy should be put in place to help boost our scientific understanding of both the material and intangible cultural heritage associated with this profession. The research would feed into the dissemination and sharing of all acquired knowledge and understanding through multiple forms of publication, the setting up of a digital platform and the organisation of scientific events.

<b>Social Group</b>	
Social/Ethnic Group	Justification
Cowbell makers	Cowbells are made by families dedicated exclusively to this activity. Many of these families have carried out this production activity for centuries, as in the case of the Sim Sim family of Alcáçovas and Estremoz, which has been making cowbells uninterruptedly since the mid 18 <sup>th</sup> century.

<b>Identity</b>	
Identity	Justification
Location	The town of Alcáçovas and its population, for example, view this activity as a distinguishing identity. Alcáçovas is commonly known as the Land of cowbell makers or the Land of cowbells, and its inhabitants are called Cowbell Makers, not only because of the number of cowbell makers that existed there in the past, not only because of the quality of the cowbell makers, but also because of the quality of the cowbells.

<b>Language</b>	
Language	
Portuguese	
Notes:	The knowledge associated to making cowbells is taught in Portuguese.

<b>Inventory person</b>	
Inventory person	Date
LIMA, Paulo (1966- )	2010
Notes:	Since 2010, the anthropologist Paulo Lima has been performing field work in Portugal and, more concretely, in the village of Alcáçovas, on the production of cowbells.
BRÁZIO, Augusto (1964- )	2011
Notes:	Since 2011, the photographer Augusto Brázio has been photographically documenting the production of cowbells in Portugal and, more specifically, in the town of Alcáçovas.
PAGARÁ, Ana (1971- )	2010
Notes:	Since 2010, the art historian Ana Pagará, a specialists in heritage, has been carrying out historical research in Portugal and, more specifically, in the town of Alcáçovas, about the production of cowbells.
MIRA, David	2013
Notes:	Since 2013, the film producer David Mira has been working on video documentation and, more specifically, in the town of Alcáçovas, about the production of cowbells.

<b>Location</b>										
Location type	Administrative location	Specific town	Geo. Datum	Method	CODSIG	Geo X	Geo Y	Plane X	Plane Y	Plane Z
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Estremoz\Estremoz (Santa Maria and Santo André)	Estremoz				- 7.5916812		38.8455094		
Notes:	In the city of Estremoz, the master cowbell maker António Augusto Sim Sim, and his nephew, the cowbell maker Rui Marcos Sim Sim Gonçalves, make and sell cowbells.									
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Reguengos de Monsaraz\Reguengos de Monsaraz									
Notes:	In the city of Reguengos Monsaraz, the master cowbell maker Joaquim José Veladas Correia, retired, sells cowbells purchased from third parties, either cowbell makers or not.									
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Viana do Alentejo\Alcáçovas	Alcáçovas				- 8.1574789		38.3923841		
Notes:	In the town of Alcáçovas the Maia family, consisting of the master cowbell makers José Luís Reis Maia and Francisco António Maia Cardoso, and by the cowbell maker Guilherme José Fortes Reis Maia, and the Sim Sim family, consisting of the master cowbell makers Joaquim Vidazinha Sim Sim and Gregório Guerreiro Sim Sim, the latter now retired, make and sell cowbells.									
Presence of the	PRT\Autonomous Region of the Azores\Angra do	Grota do Medo								

manifestation	Heroísmo\Posto Santo									
Notes:	In the town of Grota do Medo, the blacksmith-cowbell maker António Ferreira da Costa makes and sells cowbells.									
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\North\Alto Trás-os-Montes\Bragança\Semil	Quinta do Souto								
Notes:	In Quinta do Souto, in the outskirts of the city of Bragança, the blacksmith-cowbell maker António Ferreira da Costa makes and sells cowbells.									
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\Centre\Médio Tejo\Tomar\Asseiceira	Asseiceira								
Notes:	In the village of Asseiceira, the master cowbell maker Manuel Antunes Cecílio makes and sells cowbells.									
Presence of the manifestation	PRT\Mainland\Alentejo\Lezíria do Tejo\Cartaxo\Ereira	Ereira								
Notes:	In the village of Ereira, the cowbell maker Feliciano de Jesus Sim Sim makes and sells cowbells.									

Origin		
Origin	Date	Justification
Indeterminate		Cowbells were found throughout Eurasia at archaeological sites dating back to the Iron Age. In the Iberian Peninsula, cowbells dated from the Celtiberian Period were found.

Intangible collection				
Social group	Collector	Date	Administrative location	Location
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2010	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Viana do Alentejo\Alcáçovas	Alcáçovas
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Reguengos de Monsaraz\Estremoz (Santa Maria and Santo André)	Estremoz
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Mainland\Alentejo\Central Alentejo\Reguengos de Monsaraz\Reguengos de Monsaraz	Reguengos de Monsaraz
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Mainland\Alentejo\Lezíria do Tejo\Cartaxo\Ereira	Ereira
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Mainland\Centre\Médio Tejo\Tomar\Asseiceira	Asseiceira
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Mainland\North\Alto Trás-os-Montes\Bragança\Semil	Quinta do Souto
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			
Cowbell makers	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Autonomous Region of the Azores\Angra do Heroísmo\Posto Santo	Grota do Medo
Notes:	Various documents about cowbells and the making of cowbells.			

--

Risk		
Risk	Motive	Date
Alteration of the agricultural landscape\Building of fences for cattle	The division of agricultural land using fences is thought to be the main reason for the diminished demand for cowbells by property owners and shepherds.	
Notes:	To be confirmed.	
New technology	The introduction of new technology, particularly the gas furnace, as well as cutting tools, has simplified cowbell production, which caused higher production and excess supply.	
Demographics	Building of genealogical maps revealed that the disappearance of families that produced cowbells in Alcáçovas was linked to demographic issues: either they did not have descendants or had daughters. This activity is transmitted only to sons. Cases were detected in which the transmission of knowledge skipped over a generation or was passed down to collateral relatives.	
Extinction of professions	The diminishing number of shepherds resulted in lower demand for cowbells, since shepherds were the main customers for cowbells.	

Typology		
Typology	Justification	
UNESCO domains\Aptitudes associated to traditional craftsmanship	Cowbell making is manufacturing associated to metallurgy.	
Categories (DR_Port. No. 196/2010 of April)\Activities	Cowbell making is manufacturing associated to metallurgy and can be described as transforming iron sheets into idiophones.	

Transformation			
Transformation	Date	Motive	
Technology	1995	In 1995, the cowbell makers Manuel Antunes Cecílio and Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim purchased a gas furnace in Spain to cure cowbells. This acquisition had two impacts: i. it tremendously increased the production potential and ii. it opened the workshops to new technology.	

Utilisation			
Utilisation	Date	Justification	
Shepherding		Cowbells are used in shepherding, suspended from the neck of animals on a collar. All types of animals can use cowbells. It is also normal to place small cowbells on birds, dogs and cats. Cowbells are used on cattle to mark or protect them or as a status symbol. Traditionally, cowbells were changed on cattle two or three times per year. Cowbells were longer in summer and shorter in winter, since as the height of the grass or pasture dictated the height of the cowbell.	
Charivari		Cowbells were commonly used during carnival-like festivities or as profound social criticism. Using these sound objects was a means of pointing out the animalisation of others and, at specific times, also had an extremely strong sexual connotation.	
Festivity\Religious		Cowbells are used in some religious festivities as the central object, such as on Holy Saturday, in which children carrying large cowbells ask for sweets.	

Related forms				
Properties	ID/IMO/002525   Urban Area\City   Estremoz   o	Locations	Europe\Portugal\Évora\Estremoz	Geography\Activity location\Permanent
Notes:	In the city of Estremoz, a cowbell workshop is in operation associated to a handicraft shop. The family-run unit that produces and sells cowbells settled in this city in the 1920s. The family originated from Alcáçovas and is a branch of the Sim Sim family.			

Properties	ID/IMO/000446   Urban Area   Alcáçovas   0
Notes:	A relatively large number of cowbells are still made in the town of Alcáçovas. The town has four workshops, one of which has been transformed into a private museum.
Properties	PT/IMO/001374   Urban Area   REGUENGOS DE MONSARAZ   0
Notes:	Today, Reguengos de Monsaraz has one cowbell maker who is now retired. The activity seems to have begun as of the mid 19 <sup>th</sup> century, although a square called “Chocalheiro” (Cowbell Maker) existed approximately in 1830.
Properties	IMO.002780   Urban Area   Asseiceira   0
Notes:	Reference was made to two cowbell makers in this village.
Intangible	ID/IMA/000936   Campanology   UNESCO Domains ICH\Aptitudes linked to traditional craftsmanship   972
Notes:	(direct)
Research Projects	Tourist Promotion and Development of Cultural and Identity Manifestations in Alentejo and Ribatejo.   121
Proprietors	João Chibeles Penetra   1926
All Entities	Paulo Lima   1966
Notes:	(direct)
All Entities	Museu do Chocalho (Cowbell Museum)
Holders-position	Gregório Guerreiro Sim Sim
Holders-position	António Augusto Sim Sim
Holders-position	Joaquim José Veladas Correia
Holders-position	António Ferreira da Costa
Holders-position	Manuel Antunes Cecílio
Holders-position	Rui Marcos Sim Sim Gonçalves
Holders-position	Feliciano de Jesus Sim Sim
Holders-position	Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim

Audio-visual	Video\Digital   1 <sup>st</sup> version of the film of the UNESCO dossier of Cowbell Production   100
Photographic material	Digital photograph   Gregório Guerreiro Sim Sim trimming the cowbell with a cowbell maker’s scissors.   Augusto Brázio
Photographic material	Digital photograph   Gregório Guerreiro Sim Sim   Augusto Brázio   555
Photographic material	Digital photograph   José Maia, cowbell maker, cutting metal to make a cowbell   Augusto Brázio   10-02-2011   560

Photographic material	Estremoz stone for the clay operation   Augusto Brázio   603			
Monograph	A vila de Alcáçovas   sua história, suas belezas, seu comércio e sua indústria   Sociedade Nacional de Tipografia   1924   357			
Monograph	Os chocalhos e a sua relevância na vila das Alcáçovas   Esfera do Caos Editores   2013   639			Bibliography
Monograph	Sons et musique autour de l'animal   Musée du Rouergue   1990   643	Authorship	COGET, Jacques   Document Author	Bibliography
Transcriptions	Entry by José da Silva Picão, published in "Através dos campos", of 1947, description of   Cowbells   374			
Files	_DSC2072   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC207   2074			
Notes:	(direct)			
Files	_DSC2111   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC211   2077			
Notes:	(direct)			
Files	_DSC2190   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC219   2082			
Notes:	(direct)			
Files	_DSC6307   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC630   2119			
Notes:	(direct)			
Files	Untitled   C:\Users\Paulo Lima\Desktop\Setup\Sem Título.png   2246			

# Municipality Statements



MUNICIPIO DE ANGRA DO HEROÍSMO  
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

**Declaração de Compromisso**

Eu, José Gaspar Rosa de Lima, Presidente em exercício da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, declaro que envidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Nacional do Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei N.º 139/2009 de 15 de Junho e na Portaria N.º 196/2010 de 9 de Abril.

O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional que se integra na categoria das actividades transformadoras hoje em perigo de extinção no Município de Angra do Heroísmo.

Angra do Heroísmo, 19 de dezembro de 2014

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL EM EXERCÍCIO,



JOSE GASPARD ROSA DE LIMA



[EN]

### **Statement of Commitment**

I, José Gaspar Rosa de Lima, Mayor in office at the Town Council of Angra do Heroísmo, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making in the list of Portuguese Inventory of Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009, of 15 June, and of Order No. 1 196/2010, of 9 April.

Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities in danger of extinction in the Municipality of Angra do Heroísmo.

Angra do Heroísmo, 19 December 2014

THE MAYOR OF THE TOWN COUNCIL, IN OFFICE

[signature]



## MUNICÍPIO DO CARTAXO

### PRESIDÊNCIA

### Declaração de Compromisso

Eu, Pedro Miguel Magalhães Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal do Cartaxo, declaro que envidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Nacional do Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei N.º 139/2009 de 15 de Junho e na Portaria N.º 196/2010 de 9 de Abril.

O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional que se integra na categoria das atividades transformadoras, hoje em perigo de extinção no Município do Cartaxo

Cartaxo, 19 de Dezembro de 2014

O Presidente da Câmara

Pedro Magalhães Ribeiro



[EN]

**MUNICIPALITY OF CARTAXO**

**MAYOR'S OFFICE**

**Statement of Commitment**

I, Pedro Miguel Magalhães Ribeiro, Mayor of the Town Council of Cartaxo, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making on the Inventory of Portuguese Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009, of 15 June, and of Order No. 1196/2010, of 9 April.

Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities that is in danger of dying out in the municipality of Cartaxo.

Cartaxo, 19 December 2014

The Mayor

[signature]



## Declaração de Compromisso

Eu, José Gabriel Paixão Calixto, Presidente da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, declaro que envidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Nacional do Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei N.º 139/2009 de 15 de junho e na Portaria N.º 196/2010 de 9 de abril. O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional, que se integra na categoria das atividades transformadoras hoje em perigo de extinção no Município de Reguengos de Monsaraz.

Reguengos de Monsaraz, 19 de dezembro de 2014



José Calixto

Presidente da Câmara Municipal

[EN]

### **Statement of Commitment**

I, José Gabriel Paixão Calixto, Mayor of the Town Council of Reguengos de Monsaraz, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making on the Inventory of Portuguese Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009, of 15 June, and of Order No. 1 196/2010, of 9 April. Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities that is in danger of dying out in the municipality of Reguengos de Monsaraz.

Reguengos de Monsaraz, 19 December 2014

[signature]

The Mayor



### DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Eu, Bernardino António Bengalinha Pinto, Presidente da Câmara Municipal de Viana do Alentejo, declaro que emvidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Nacional do Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho e na Portaria n.º 1 196/2010, de 9 de abril.

O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional que se integra na categoria das atividades transformadoras hoje em perigo de extinção no Município de Viana do Alentejo.

Viana do Alentejo, 13 de dezembro de 2014

  


[EN]

### **Statement of Commitment**

I, Bernardino António Bengalinha Pinto, Mayor of the Town Council of Viana do Alentejo, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making on the list of Portuguese Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009, of 15 June, and of Order No. 1 196/2010, of 9 April.

Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities that is in danger of dying out in the municipality of Viana do Alentejo.

Viana do Alentejo, 23 December 2014

[signature]



MUNICIPIO DE ESTREMOZ

### ***Declaração de Compromisso***

Eu, Francisco João Ameixa Ramos, Vice- Presidente da Câmara Municipal de Estremoz declaro que envidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Nacional do Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei N.º 139/2009 de 15 de Junho e na Portaria N.º 196/2010 de 9 de Abril.

O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional que se integra na categoria das actividades transformadores hoje em perigo de extinção no Município de Estremoz

Estremoz, Paços do Município, 23 de dezembro de 2014

O Vice- Presidente da Câmara Municipal de Estremoz,

Francisco João Ameixa Ramos

[EN]

***Statement of Commitment***

I, Francisco João Ameixa Ramos, Deputy Mayor of the Town Council of Estremoz, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making on the Inventory of Portuguese Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009 of 15 June, and of Order No. 1 196/2010 of 9 April.

Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities that is in danger of dying out in the municipality of Estremoz.

Estremoz, Town Hall, 23 December 2014

The Deputy Mayor of Estremoz

[signature]



Eu, Anabela Freitas, Presidente da Câmara Municipal de Tomar, declaro que emvidarei todos os esforços para dar início ao procedimento do pedido de registo do Fabrico de Chocalhos no Inventário do Património Cultural Imaterial, segundo o disposto no Decreto-Lei N.º 139/2009 de 15 de Junho e na Portaria N.º 1 196/2010 de 9 de Abril.

O Fabrico de Chocalhos é hoje uma manifestação do património cultural imaterial nacional que se integra na categoria das actividades transformadoras hoje em perigo de extinção no Município de Tomar.

Tomar, 23 de dezembro de 2014

A Presidente da Câmara Municipal

Anabela Freitas

[EN]

I, Anabela Freitas, Mayor of the Town Council of Tomar, hereby declare that I shall make every effort to begin the process of requesting the inclusion of Cowbell Making in the list of Portuguese Inventory of Intangible Cultural Heritage, in accordance with the provisions of Decree Law No. 139/2009, of 15 June, and of Order No. 1 196/2010, of 9 April.

Today, cowbell making is a manifestation of our national intangible cultural heritage and one of the manufacturing activities in danger of extinction in the Municipality of Tomar.

Tomar, 23 December 2014

The Mayor of the Town Council of Tomar

[signature]

**Catálogo : Imaterial**

Nº inventário	ID/IMA/000918
Designação	Fabrico de Chocalhos
Tipo imaterial	UNESCO Domínios PCI\Aptidões ligadas ao artesanato tradicional
Imaterial	ID/IMA/000936 - Campanologia
Descrição	<p>O fabrico de chocalhos é a designação dada pelos chocalheiros ao acto de fabricar o objecto designado como chocalho. O chocalho é um idiofone em chapa de ferro, com banho de latão ou bronze, que os pastores suspendem ao pescoço dos animais que pastoreiam.</p> <p>O seu fabrico, pelo chocalheiro, é feito a partir de uma chapa de ferro, moldada, a frio, na bigorna, com recurso a martelo.</p> <p>Após ganhar forma de um copo, é-lhe colocado uma peça no interior para suspender o batente, designada por «céu», e aposta uma asa. Para ser soldado, é envolvido em barro com pequenas peças de latão ou bronze, e vai para o forno, durante cerca de uma hora, numa temperatura de 1200°.</p> <p>Após a cozedura, o chocalho é retirado do forno e rebolado, para que seja garantida uma uniforme distribuição do latão líquido. Depois de mergulhado em água para arrefecimento súbito, é libertado do barro.</p> <p>Depois de limpo, é feita a operação mais complexa: a afinação. Esta só pode ser executada pelos mestres chocalheiros. A afinação, ou o «assonantar» do chocalho, é a integração identitária do som na paisagem sonora local e /ou regional. Esta operação é feita na bigorna através de pancadas dadas com o martelo na boca do chocalho «até que o som se solte.»</p>

**Historial**

O fabrico de chocalhos é uma atividade metalúrgica associada essencialmente ao pastoralismo. Consiste na produção de um idiofone em ferro forjado que é suspenso ao pescoço dos animais numa coleira.

Todos os animais domesticados podem usar chocalho: aves de capoeira, gatos, cães, burros, cavalos, mulas, ovelhas, porcos, vacas e bois, cabras...

Na pastorícia, o chocalho é usado para localizar, ler o ritmo e a actividade assim como para protecção mágico-religiosa do animal.

Existem duas tipologias de chocalho: uma com recurso a batente externo e outra com recurso a batente interno, suspenso ou não. O chocalho ocidental, onde se integra o chocalho fabricado em Portugal, é com batente interno.

Os chocalhos podem ser feitos em matéria vegetal ou mineral e o batente pode ser em madeira, osso, ferro, chifre ou material sintético (PVC).

O fabrico de chocalhos é muito antigo. Na Península Ibérica foram encontradas artefactos celtiberos, datadas do séc. I a.C., assim como da Época Romana e da Alta Antiguidade.

Estes chocalhos mostram duas tipologias de construção: i. chocalhos feitos sobre chapa enrolada e sobre a qual é aposta uma asa, de forma simples; ii. chocalhos que se aproximam do chocalho actual, no qual a chapa é dobrada ao meio, repuxada na parte da dobra, sobre as dobras coloca-se a asa e sob esta, por dentro, suspende-se um aro.

As peças pré-romanas parecem seguir esta tradição, que é retomada na Alta Antiguidade, e interrompida na Época Romana.

Em Portugal, são poucos os locais onde hoje se localizam chocalheiros: municípios de Bragança, Tomar, Cartaxo, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Angra do Heroísmo (Arquipélago dos Açores).

Os fabricantes de chocalhos presentes nestes locais seguem duas tradições: a do ferreiro que fabrica ocasionalmente chocalhos e a do chocalheiro, que se dedica em exclusivo ao fabrico deste objecto sonoro.

Em Bragança e em Angra do Heroísmo, encontramos homens que, tendo conhecimentos que os aproximam do ferreiro, fabricam chocalhos. Nos outros locais, temos especialistas, chocalheiros, que fabricam exclusivamente estes objectos sonoros em ferro forjado.

Um chocalheiro pode, assim, definir-se como aquele que apenas fabrica chocalhos em ferro forjado, e eventualmente também funde campainhas, recorrendo a um equipamento muito reduzido: num banco baixo, comprido, de quatro pés, aonde existe, do lado direito, uma tesoura e, do lado esquerdo, uma bigorna. O tamanho desta bigorna e da tesoura varia conforme o tamanho do chocalho a fabricar. Além deste equipamento, o chocalheiro possuía forja e outros objectos, tais como martelos, tesouras...

O chocalheiro, quando trabalha, senta-se sobre o banco, tendo de um lado a tesoura e do outro lado a bigorna. Apenas na Ereira (Tomar), a tesoura e a bigorna se encontram na ponta, e o chocalheiro cavalga o banco.

O fabrico de chocalhos, feito por um chocalheiro, parte de uma chapa que é acertada com a tesoura e depois batida a frio, na bigorna, com um martelo. Primeiro martela a chapa nas pontas e depois curva-a na bigorna. Depois dobra-a ao meio, juntando a chapa em forma de copo. Após esta operação, martela a parte fechada da chapa, e começa a dobrar as pontas, subindo-as. Serão estas pontas, repuxadas, que servirão para suportar a asa. Após esta fase, na parte de cima do chocalho, a chapa é perfurada ao centro, e aí é colocada uma argola da parte de dentro, cujas pontas são batidas no exterior. Esta argola designa-se por "céu". É esta peça que sustenta o badalo.

Após este processo, o chocalheiro numa mesa, designada por "mesa do embarramento", "embarra" o chocalho. Esta operação consiste em envolver o chocalho em barro, colocando-se pequenas peças de latão, ou cobre, em torno da peça e por dentro desta. Tradicionalmente o chocalheiro fazia esta operação sentado; hoje, os chocalheiros em Ereira (Tomar) e em Alcáçovas (Fábrica Pardalinho) executam este processo em pé.

Colocado na forja, ou no forno, este fica cerca de uma hora ao calor, a 1200°. É retirado do forno e rebolado, para que o latão possa percorrer toda a peça, soldando-a.

É mergulhado em água e retirado do barro.

O chocalheiro volta para o banco, e na bigorna, com um martelo, afina o chocalho. A afinação consiste em fazer com que o som deste corresponda ao desejado pelo pastor, ou seja, a integração identitária do som na paisagem sonora local e /ou regional.

O chocalheiro até há pouco tempo não colocava o badalo no chocalho. Era ao pastor que competia o "embadalamento". Actualmente, o chocalheiro vende o chocalho completo: com badalo, correia e fivela. E estes são vendidos nos locais de fabrico e em feiras.

Os chocalhos são fabricados em diversas formas e tamanhos, podendo variar de um a 50 cm. de comprimento. Uma tipologia diversa corresponde a designações diversas, quer entre chocalheiros, quer entre geografias.

Mas a esta diversidade corresponde também uma unidade, quer de formas, quer de designações.

O chocalho fabricado em Portugal pertence a uma família tipológica que ocupa uma geografia que vai de Portugal aos Pirenéus franceses. Esta unidade parece corresponder a uma unidade de paisagem associada à transumância.

O pastoralismo é a grande actividade que absorve o fabrico de chocalhos. Mas este também é usado em diversas manifestações da Cultura Popular, quer em festas cíclicas quer associado a charivaris.

**Historial Fabrico de chocalhos em Alcáçovas**

O fabrico de chocalhos na Região Histórica do Alentejo encontra-se documentado para a época moderna, tendo sido possível até ao momento identificar fabricantes em várias localidades: Diogo Martins, "xocalheiro", morador em Portel e Irmão da Misericórdia desta vila, a 25 de Junho de 1601, assinava uma escritura de compra e venda de umas casas aí situadas [ADE - Arquivo Distrital de Évora, Notários de Portel, Lv. 2, fls. 4-7]; em Beja, vivia o chocalheiro Manuel Dias, referido no processo do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora, por ser pai de Isabel Dias, presa em 1617, acusada de judaísmo, heresia e apostasia, [ANTT - Arquivo Nacional Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, proc. 5706], e trabalhava o chocalheiro Martim Roiz, na Rua de Santa Catarina, em 1619 [António Borges Coelho, Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668, vol. 2, 1987, p.20]; a viver em Serpa, encontrava-se o chocalheiro Roque Pires, em 1649 [MAS - Arquivo Municipal de Serpa, Actas da Câmara de Serpa, Lv. 2, fl. 85v]; em Estremoz, no ano de 1672, o "xocalheiro" e juiz do mesmo ofício Francisco Mendes examina o chocalheiro Manuel Alves, considerando-o apto para o exercício do dito ofício, pelo que lhe é passada carta de examinação [AME - Arquivo Municipal de Estremoz, Livro de examinação de ofícios, fl. 116], sendo esta a primeira referência documental conhecida até ao momento a um juiz do ofício de chocalheiro no Alentejo.

É, no entanto, em Alcáçovas que esta actividade económica vai florescer, sem paralelos a nível nacional, durante a segunda metade do século XVIII, o que se deve muito provavelmente a razões que se prendem com a sua localização geográfica, coincidente com a rota da transumância

dos gados, terminando nesta zona a canada espanhola Soriana ocidental, e dada a proximidade a Montemor-o-Novo, para onde, no século XVIII, foi levado gado merino. Com efeito, na documentação da extinta Câmara de Alcáçovas, em particular no que diz respeito à transumância, a circulação de gado oriundo de outros lugares é bastante presente. A título de exemplo, em 1778, a Câmara de Alcáçovas concedia licenças a vários pastores oriundos da Serra da Estrela para as suas ovelhas poderem pastar no termo de Alcáçovas, em várias propriedades, nomeadamente, entre outros, Inácio Rodrigues, Manuel Martins, Matias Cardoso e Manuel Ribeiro, todos "serranos da Serra da Estrela", mediante o pagamento de 500 réis cada um [APA - Arquivo da Paróquia de Alcáçovas, Livro de licenças da Câmara de Alcáçovas, 1778-1802, fl. 6-7].

A existência de várias referências documentais às canadas que passam pelo território de Alcáçovas faz também prova desta ligação secular à transumância. A Junta da Paróquia de Alcáçovas (o concelho de Alcáçovas foi extinto em 1836, passando a vila e seu termo a ser uma freguesia do concelho de Viana do Alentejo), em sessão de 30 de Janeiro de 1842, "deliberou oficiar à Câmara [de Viana do Alentejo] narrando que Francisco António Gallego tem impedido a canada antiga dos gados lavrando e tapando a azinhaga entre as fazendas à Cabeça Gorda sob o pretexto de haver aforado tal terreno por cuja arbitrariedade se não podem passar gados para as herdades deste termo com grave dano dos proprietários devastando-se suas propriedades (...)" [AJFA - Arquivo da Junta de Freguesia de Alcáçovas, Livro das Sessões da Câmara e depois Junta da Paróquia de 1833 a 1844, fl.80]. Ainda a título ilustrativo, a mesma Junta da Paróquia, em sessão de 5 de Maio de 1851, a propósito da definição e marcação de limites de parcelas de terra para aforamento e determinado sítio no termo de Alcáçovas, faz expressamente notar que se deixe "(...) ficar uma servidão bem larga por ter sido por ali a estrada das quadrilhas para Alcácer e canada de rebanhos de gados que são conduzidos à capital [Lisboa]" [AJFA, Actas das Sessões da Junta da Paróquia da freguesia da vila de Alcáçovas, 1844 a Março de 1860, fl.29].

Com efeito, a documentação mostra que o Fabrico de chocalhos é uma realidade na vila de Alcáçovas desde a década de '60 do século XVIII, não existindo qualquer referência anterior, para a época moderna, quer na documentação produzida pela extinta Câmara de Alcáçovas (remanescente em séries praticamente completas, em particular, livros de actas das sessões da Câmara, desde o século XVI, e livros de registos e arrematações desde o século XVIII), quer noutros fundos documentais relevantes, como é o caso dos registos notariais (subsistentes a partir de finais do século XVI) e dos registos paroquiais.

A primeira referência documental conhecida até ao momento a um chocalheiro em Alcáçovas data de 1763. A 20 de Junho desse ano, a Câmara de Alcáçovas nomeava Manuel Martins, "chocalheiro", para o cargo de depositário dos terços do pão dos Senhores de fora da vila [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. 28, fl. 69v-70]. No entanto, esta não é a primeira vez que o nome de Manuel Martins surge na documentação: em 1745, em registo datado de 20 de Setembro, ao ingressar na Ordem Terceira da Penitência de Alcáçovas é designado por "serralheiro" [APA, Livro de Receições, Profições e acórdãos dos irmãos da 3ª Ordem da Penitência da Vila das Alcáçovas, 1673-1879, fl. 48]. Pouco tempo depois, a 12 de Novembro do mesmo ano, Manuel Martins "serralheiro" é encoimado "por cavar barro na serventia [da ermida] de São Geraldo sem licença da Câmara" [APA, Livro de Coimas do concelho de Alcáçovas, 1743-1747, fl.108], informação que pode ser significativa para a cronologia da manufactura de chocalhos em Alcáçovas, visto o barro ser essencial para a sua produção. Com efeito, e dada a comparação das assinaturas presentes nos vários documentos oficiais, o serralheiro Manuel Martins (assim designado nas décadas de '40 e '50) e o chocalheiro Manuel Martins (assim designado, a partir de 1763) são a mesma pessoa.

O mesmo se passa com Francisco José, designado na documentação por serralheiro em 1765 e como chocalheiro a partir de 1767; com Gregório Rodrigues, designado ora como chocalheiro (1774), ora como serralheiro (1775); e com José Luís, que surge primeiro designado como serralheiro (entre 1756 e 1771) e, pelo menos a partir de 1777, como "oficial de chocalheiro". Aliás, será José Luís o primeiro Juiz de ofício a ser nomeado pelos oficiais da Câmara de Alcáçovas, nesse mesmo ano, como se verá adiante. O facto de terem sido identificados 4 casos de serralheiros que se tornam chocalheiros, cronologicamente coevos, leva a supor que a origem do fabrico de chocalhos em Alcáçovas possa estar no seio deste grupo profissional, também dedicado às artes metalúrgicas.

Para esta cronologia, desde 1763 até finais do século XVIII, estão documentados, a exercer o seu ofício nesta vila, 21 chocalheiros:

Manuel Martins (n. 1724, Alcáçovas; f. antes de 1777);  
António José (n. 1726, Alcáçovas; f. depois de 1811);  
Francisco José (n. 1734, Alcáçovas; f. depois de 1790);  
Jacinto Martins (n. depois de 1741; f. depois de 1806);  
Gregório Rodrigues (n. década de 40', século XVIII; f. antes de 1786);  
Gregório Vicente (n. 1745, Alcáçovas; f. depois de 1808);  
Manuel Velho (n. 1754, Alcáçovas; f. depois de 1827);  
António Carvalho Sim Sim (n. 1756, Alcáçovas; f. depois de 1819);  
José Luís (já em actividade em 1756; f. depois de 1782);  
João António Passão (n. 1760, Alcáçovas; f. depois de 1833);  
António Fernandes (n. 1760, Alcáçovas; f. depois de 1819);  
António Gião Montinho (n. 1767, São Brás do Regedouro; f. depois de 1852);  
Francisco de Oliveira ou Mendes (n. 1768, Alcáçovas; f. depois de 1806);  
Manuel do Nascimento (n. 1772, Alcáçovas; f. depois de 1803);  
Sebastião de Mira (em actividade em 1767 e 1768);  
José Martins (em actividade em 1767);  
José Maria (em actividade em 1784; f. depois de 1801);  
Luís António (em actividade em 1796; f. depois de 1825);  
Luís Jacinto (em actividade em 1796; f. depois de 1805);  
Vicente José (em actividade em 1796);  
António Joaquim (documentado em 1801).

Deste universo de 21 nomes, e no actual estado de investigação, foram já localizados os registos de baptismo de 11 chocalheiros, sendo todas naturais de Alcáçovas (bem como, na maioria, os seus progenitores) à excepção de um (António Gião Montinho, natural de São Brás do Regedouro, mas que cedo vai viver para Alcáçovas); tudo leva a crer também que os restantes 10 serão também maioritariamente alcaçovenses, tendo em conta as referências documentais subsistentes. Outro aspecto interessante a reter é que este primeiro aro cronológico (1763-1800/1801) engloba a primeira geração de chocalheiros e já alguns da segunda geração, havendo desde logo a destacar as relações familiares existentes entre alguns deles, como por exemplo: Manuel Martins é irmão de António José e de Francisco José e pai de José Martins e de Jacinto Martins; Francisco José, por sua vez, é pai de João António Passão; Manuel do Nascimento é irmão de Francisco de Oliveira (que mais tarde usa o apelido Mendes); António Fernandes, vem a casar, em segundas núpcias, com Felisberta Joaquina, irmã de António Carvalho Sim Sim; Manuel Velho casa com Brizida Maria, filha de Francisco José, sendo que mais tarde, uma sua filha, Maria Brizida, irá casar com um filho de António Carvalho Sim Sim, seu homónimo; este, o primeiro António Carvalho Sim Sim (porque se seguirão vários com o mesmo nome, seus descendentes directos), virá também a casar, em segundas núpcias, com uma filha de António José.

E este é o primeiro aspecto a realçar, a continuidade do ofício no seio familiar. Os mapas genealógicos mostram, por um lado, que o conhecimento da Arte, o seu maior património, é transmitido preferencialmente de pais para filhos e, por outro, que as famílias de chocalheiros tendem a contrair matrimónios entre si (ou casam as suas filhas com outros oficiais ligados à metalurgia, caso dos ferreiros), numa clara estratégia de conservação do património, de controlo da Arte e da economia ligada ao fabrico dos chocalhos, mantendo assim também o monopólio da produção.

Com efeito, a partir das primeiras décadas do século XIX, o aumento do número de chocalheiros é exponencial, reflectindo uma segunda e já terceira gerações de chocalheiros, na sua maioria filhos e netos dos primeiros chocalheiros de Alcáçovas, já referidos. Conforme traduzem os mapas genealógicos já realizados para alguns deles (aqueles cuja investigação permitiu referências documentais precisas e inequívocas), se alguns não deixam descendência por não terem filhos ou por estes terem seguido outros modos de vida, outros há que vão ter 1 ou mais filhos que seguirão a Arte, assim como netos e por aí fora, de geração em geração, alguns ramos até aos dias de hoje. Nalguns casos, na ausência de descendentes directos do género masculino, o conhecimento é transmitido de tio para sobrinho ou de avô para neto, sendo o seio familiar o contexto privilegiado de transmissão. E durante o Século XIX multiplicam-se as linhagens de chocalheiros que se vão constituindo no seio das oficinas familiares.

De todas as famílias de chocalheiros, haverá essencialmente 3 que se vão destacar, pela capacidade de se fazerem perpetuar no tempo até aos

séculos XX e XXI, sempre em linha recta, passando o conhecimento, sucessivamente, de pais para filhos: a Família Velho, a Família Passão e a Família Sim Sim. Esta família em particular, descendente de António Carvalho Sim Sim (nascido em 1756), é a mais emblemática família de chocalheiros de Alcáçovas e do país, não só pelo número de chocalheiros que dela nasceu ao longo dos séculos, mas também pela continuidade geracional, existindo ainda descendentes directos seus em Alcáçovas (os Mestres Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim e Gregório Guerreiro Sim Sim) e em Estremoz (António Augusto Sim Sim).

A vida pessoal e profissional de todos estes chocalheiros está, na sua maioria, bastante bem documentada, o que permite aferir o seu modo de vida dos pontos de vista familiar, social, profissional, económico e financeiro. Felizmente, a documentação subsistente e levantada em vários arquivos, nomeadamente, no Arquivo da Paróquia de Alcáçovas (no qual se guarda o riquíssimo Fundo da extinta Câmara de Alcáçovas), Arquivo da Junta de Freguesia de Alcáçovas, Arquivo Distrital de Évora e Arquivo Nacional Torre do Tombo, é particularmente rica em referências não só aos primeiros chocalheiros de Alcáçovas, mas também para os seus sucessores (século XIX).

Nos livros de registos de arrematações da extinta Câmara de Alcáçovas (séculos XVIII e XIX), são numerosas as referências a chocalheiros, quer como arrematantes de serviços e bens, quer como testemunhas e fiadores em arrematações, o que atesta a sua disponibilidade financeira, capacidade económica e idoneidade pessoal. Também os registos notariais de Alcáçovas constituem um Fundo documental extraordinário para a caracterização da capacidade económica crescente dos chocalheiros e da estratégia de constituição de património: para os séculos XVIII e XIX, contam-se muitas dezenas de transacções efectuadas por chocalheiros, formalizadas em escrituras de compra e venda de bens, nomeadamente, moradas de casas, courelas, olivais, vinhas ou terras de semear pão, e escrituras relativas a contracção de empréstimos de dinheiro a juros, junto de irmandades e confrarias, da Misericórdia ou de Senhores abastados de Alcáçovas, nas quais os chocalheiros dão como garantia bens fundiários ou moradas de casas (raramente aquelas onde vivem, mas sim outras que herdaram, via família das suas mulheres ou de outros familiares).

Através destas escrituras fica-se também a conhecer as tipologias habitacionais requeridas pelos chocalheiros, bem como as zonas preferenciais para o seu estabelecimento, o que varia ao longo dos séculos. As casas onde vivem (compradas ou herdadas) têm entre 3 a mais de 10 divisões (aumentando tendencialmente com o passar do tempo, o que também mostra crescente capacidade financeira e melhoria de condições de vida), sempre com quintal e poço. Aparentemente, tudo indica que as oficinas tenham coincidido sempre com o espaço habitacional, situando-se a par do quintal da habitação (o que só começará a mudar nos finais do século XX).

A localização das suas casas (e oficinas), vista em diacronia, acompanha a evolução histórico-urbanística da vila de Alcáçovas, na procura crescente de espaço e da melhor localização possível do ponto de vista da produção e do comércio: os chocalheiros mais antigos vivem e trabalham em ruas situadas no núcleo urbano mais antigo da vila de Alcáçovas, consolidado definitivamente no século XVI, como é o caso da Rua Direita, Rua de Alcácer, Rua do Paço, Rua do Cano, Rua dos Ciprestes, Rua do Relógio ou Rua dos Sevilhões; a partir de finais do século XVIII (e até ao século XXI), a família Sim Sim vai estabelecer-se na Rua Nova (onde ainda hoje vive o Mestre Gregório Guerreiro Sim Sim), artéria aberta entre finais do século XVI e inícios do século XVII; no século XIX, a preferência dos chocalheiros irá para o Rossio de São Pedro e, posteriormente, na viragem para o século XX, optam pela novel Rua da Esperança, onde se encontram ainda hoje as habitações e oficinas de dois Mestres chocalheiros ainda vivos: João Chibeles Penetra e Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim.

É também muito interessante o percurso social e profissional dos chocalheiros enquanto grupo. Se numa primeira fase se dedicam exclusivamente à Arte chocalheira, numa segunda fase, começam a ser nomeados pelos oficiais da Câmara para ocupar cargos públicos, seguindo até, após a Revolução Liberal (1820), carreira política na administração local. Se da 1ª geração poucos sabem assinar o seu nome, da 2ª e seguintes gerações claramente todos são instruídos, tendo havido preocupação da parte dos primeiros chocalheiros em dar educação aos seus sucessores. A pouco e pouco, logo a partir do dealbar do século XIX (2ª e 3ª gerações), os chocalheiros integram a elite local, ocupando também cargos importantes no seio da Ordem Terceira da Penitência de Alcáçovas e de outras confrarias e irmandades locais, bem como na Misericórdia.

A nomeação pela Câmara de Alcáçovas do cargo de Juiz do ofício de chocalheiro ainda no século XVIII permite aferir do carácter relevante que esta actividade passa a ter na vila de Alcáçovas, traduzindo a existência de um número significativo de oficiais/ mestres chocalheiros e a previsão da produção local de chocalhos que justifique a nomeação de um juiz, o qual passa a garantir a qualidade desejada no exercício deste ofício. Note-se que os juizes, mestres dos respectivos ofícios, têm a função de examinar os oficiais a fim de os considerarem aptos ou inaptos para o exercício do respectivo ofício, passando-lhes, em caso de aprovação, a carta de examinação que lhes permitirá o exercício da sua profissão.

Nas listas de nomeações de juizes dos vários ofícios (sapateiro, carpinteiro, moleiro, etc) presentes nas actas da Câmara de Alcáçovas, será a partir de 1777 que passa a constar também a eleição e nomeação de um juiz do ofício de chocalheiro. A 16 de Abril desse ano, é nomeado para servir nesse cargo "José Luís oficial de chocalheiro", tendo os oficiais da Câmara de Alcáçovas registado em acta o termo de juramento que faz sobre os Santos Evangelhos [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. 82, fl. 90v].

Depois do chocalheiro José Luís, os oficiais da Câmara de Alcáçovas só nomearão mais 3 juizes do ofício de chocalheiro nesta vila (prática que terminará com o Liberalismo): Gregório Vicente, a 22 de Março de 1800 [A.P.A., Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1785-1803, fl. 149]; António Carvalho Sim Sim, a 1 de Novembro de 1813 [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1803-1821, fl. 23]; e, a 14 de Fevereiro de 1819, Manuel Velho [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1803-1821, fl. 60]. Também por esta ocasião surge um novo cargo associado ao do juiz de ofício, o de escrivão do ofício de chocalheiro, sendo nomeado para tal o chocalheiro José do Carmo Velho, filho de Manuel Velho, o que pode significar a complexificação do processo conducente à emissão de cartas de examinação, bem como o avolumar do trabalho face ao aumento de chocalheiros a exercer a sua actividade em Alcáçovas.

Aparentemente, dada a ausência de outras nomeações na documentação da Câmara de Alcáçovas e tendo em conta as datas de falecimento destes 4 juizes, o cargo seria vitalício ou, pelo menos, até os nomeados se encontrarem no pleno uso das suas faculdades cognitivas.

As marcas de fabricante presentes nos chocalhos permitem também identificar, nalguns casos, esta continuidade geracional: primitivamente os chocalheiros usam cruzes (tema que, aliás, será recuperado por mestres contemporâneos, ainda vivos, como Gregório Guerreiro Sim Sim e Manuel Antunes Cecílio), cujo desenho vai evoluindo até construir motivos fitomórficos (ramos), ampliados de geração para geração de forma a construir uma marca pessoal, mas sem perder as origens familiares, chegando a atingir efeitos de enorme complexidade e beleza.

Em meados de oitocentos, as oficinas organizavam-se já hierarquicamente, podendo ter um ou mais oficiais a trabalhar por oficina/ loja e aprendizes. Em 1862, a Câmara Municipal de Viana do Alentejo procedia ao tabelamento das contribuições municipais referentes aos chocalheiros, conforme obrigada por lei, documento que permite antever essa estruturação, determinando as seguintes quantias conforme a situação: oficial com loja, 500 réis; um aprendiz, 620 réis; um oficial, 750 réis; por cada oficial a mais, 250 réis [ADE, Governo Civil de Évora, Câmara de Viana do Alentejo. Contribuições municipais, peça 1, 1862].

No que diz respeito ao espaço de oficina, a organização espaço-funcional e as condições de trabalho não terão sofrido alterações significativas até ao século XX. A Indústria de chocalhos, tal como afirma, em 1924, José Augusto do Rosário [Mário do Rosário, A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria, 1925, p. 42], "encontra-se hoje como nos seus tempos primeiros, no que respeita a desenvolvimento material ou condições de higiene". O mesmo autor afirma conhecer, ao tempo, "oficinas que estão hoje talqualmente como estavam há 40 anos, tudo indicando que esse estado seja o dos seus princípios".

#### A Indústria de chocalhos

A documentação produzida pela Câmara de Alcáçovas mostra bem o desenvolvimento que o fabrico de chocalhos atinge logo a partir do último quartel do século XVIII bem como a importância desta actividade na economia e vida locais. Em 1782, por determinação registada pelos Oficiais da Câmara de Alcáçovas do dia 16 de Janeiro, o grupo dos chocalheiros passou a incluir a listagem dos oficiais (já composta por alfaiates, sapateiros, tecelões, moleiros e ferreiros) que eram obrigados a tirar licença da Câmara no caso de quererem vender os seus produtos ou artefactos localmente ou de os quererem levar para fora do termo de Alcáçovas, com o mesmo objectivo, sendo também obrigados a terem o seu regimento [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1778-1785, fl. 63].

Em relação à Feira nova, principal evento de carácter económico realizado anualmente em Alcáçovas (à semelhança de todos os concelhos do país, ao tempo), determinaram os oficiais da Câmara, logo em 1787, em sessão de vereação de 18 de Agosto, que todos os oficiais de

chocalheiros, contratadores de chocalhos e ferreiros do termo deste concelho estivessem presentes na Feira nova desta vila, durante os três dias, sob pena de pagarem de condenação, se não o fizessem, a quantia de 200 réis cada um [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1785-1803, fl. 20].

Do ponto de vista da higiene urbana, também cedo irá ser alvo de preocupação da Câmara de Alcáçovas a questão relativa ao sítio para despejo dos escumalhos resultantes do processo de fabrico dos chocalhos, o que indica produção em quantidade considerável. Na sessão de vereação de 14 de Setembro de 1796, os oficiais da Câmara de Alcáçovas determinaram que nenhum oficial de fogo, tanto ferreiro como chocalheiro, pudesse deitar escumalhos sem que fosse num barranco junto à Ermida de São Pedro ou em um outro no Rossio do Pinheiro, sob pena de cadeia e pagamento de 500 réis se o fizessem em outro local [APA, Livro de actas de vereação da Câmara de Alcáçovas, Lv. s/n, 1795-97, fl. 114-114v].

Por outro lado, na perspectiva da utilidade pública, para além do desenvolvimento económico local, a actividade relacionada com o fabrico de chocalhos permitia solucionar problemas de carácter urbanístico. É exemplo disso uma curiosa deliberação da Junta da Paróquia de Alcáçovas, de 11 de Agosto de 1860, alegando-se o objecto de interesse público, através da qual se determina que os chocalheiros fizessem conduzir os escumalhos de suas oficinas para o rossio da vila, em particular para o espaço em frente à escola (ou para outros sítios a indicar), onde existiam várias covas que, sobretudo de Inverno, dificultam muito a passagem do professor e alunos, com o objectivo de se taparem, sendo posteriormente os escumalhos cobertos com terra, aplanando-se assim o chão [AJFA, Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 a 1880, fl. 3v].

Ciente da importância do fabrico de chocalhos para o desenvolvimento social e económico de Alcáçovas, o poder local irá também tomar medidas proteccionistas da actividade, conforme mostra bem a documentação. Por exemplo, em 1878, na acta da sessão de 24 de Agosto, e na sequência de cedência definitiva ao Conde de Alcáçovas de um terreno que antigamente era também usado livremente pela população, sito nos Coutos do Fidalgo, bem como da divisão em parcelas para aforamento de um outro terreno, a Junta de Paróquia de Alcáçovas "tendo em muita consideração o bem estar dos seus parquianos, desejando fomentar e promover o progresso da especial industria da terra, a fabricação de chocalhos, de que numerosas famílias tiram sustento e cuja composição carece de um barro especial que se encontra naquela área de terreno outrora livre ao povo, resolveu unanimemente que em sitio mais conveniente se isolasse um pedaço de terreno especialmente destinado para aquele fim" [AJFA, Livro de Actas da Junta da Paróquia, 1860 a 1880, fl. 116-116v]. Assim, o acesso ao barro utilizado para o fabrico de chocalhos continuava a ser livre para os chocalheiros.

Em meados do século XIX, a Industria de chocalhos era já a actividade económica mais significativa e importante de Alcáçovas. Em 1890, segundo contabilidade do Padre Joaquim Pedro de Alcântara, existiam em Alcáçovas 10 oficinas de fabrico de chocalhos e 20 chocalheiros em actividade, número só ultrapassado pelos sapateiros (26) e seguido de carpinteiros de carros (14), carpinteiros (10) e ferreiros (7) [Padre Joaquim Pedro de Alcântara, Breves Memórias da Vila das Alcáçovas, 1890, 2ª edição, fac-simile, 2005, p.71-72].

No século XX, José Augusto do Rosário, em texto denominado "A Industria tradicional da vila", publicado em 1924 no livro de Mário do Rosário, "A vila de Alcáçovas. Sua História, suas belezas, seu comércio e sua Indústria", fala na existência de inúmeras oficinas de chocalhos, sendo portanto a indústria principal da vila (são mencionadas apenas, para além destas, uma pequena oficina de fundição de campainhas e 3 fábricas de moagem), citando algumas, entre as quais as de José Bernardo Sim Sim; António Augusto Passão, Francisco António Sim Sim, Francisco d'Assis Galvão, Rodrigo José Penetra, Francisco Júlio Sim Sim, Manuel Rita Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires, Manuel Maria Sim Sim e Silvério Maria Sim Sim [Mário do Rosário, Op. Cit., 1924, pp.41-45]. Mário do Rosário publica ainda uma lista dos fabricantes de chocalhos ao tempo (1924), na qual constam: António Augusto Passão, Francisco d'Assis Galvão, Francisco Júlio Sim Sim, Gregório Maria Sim Sim, Luís Francisco Fernandes Pires & sobrinho, Manuel Maria Sim Sim & filho e Rodrigo José Penetra.

Mas a partir da década de '50 do século XX, o fabrico de chocalhos em Alcáçovas começa a decrescer, facto que se prende com duas ordens de factores: primeiro, o corte na transmissão por falta de descendentes do género masculino (embora alguns tios ensinam sobrinhos) ou por estes seguirem outras profissões; segundo, a quebra na procura de chocalhos dadas as alterações verificadas no mundo da pastorícia, encontrando-se a Arte chocalheira hoje, por estas duas ordens de factores e por via das suas consequências, à beira da extinção.

No que diz respeito à técnica, conforme mostram as peças mais antigas que figuram nas colecções particulares de alguns mestres chocalheiros, e por comparação com outras mais recentes, a técnica utilizada no fabrico de chocalhos em Alcáçovas é a mesma desde o século XVIII. O processo manteve-se inalterável até aos dias de hoje, havendo a registar unicamente a substituição da forja pela utilização do forno a gás, inovação introduzida pelo Mestre chocalheiro Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim por volta do ano de 1995. Esta inovação revolucionou a produção de chocalhos na medida em que permite a cozedura simultânea de um número exponencialmente maior de chocalhos.

#### Informação específica

Apoio		
Apoio	Entidade	Data
Salvaguarda\Promoção	Município de Viana do Alentejo	2013
Notas: A Câmara Municipal de Viana do Alentejo tem vindo a apoiar a edição de livros sobre a história do fabrico de chocalhos em Alcáçovas, assim como de documentos promocionais. Em 2013 editou o livro de André Correia, Os chocalhos e a sua relevância para a vila das Alcáçovas, Lisboa: Esfera do Caos.		
Salvaguarda\Promoção	Junta de Freguesia de Alcáçovas	2012
Notas: A Junta de Freguesia de Alcáçovas tem vindo a apoiar a edição de livros sobre a história do fabrico de chocalhos em Alcáçovas, assim como de documentos promocionais. Em 2012, editou o BI do Chocalho.		
Salvaguarda\Sustentabilidade	Município de Viana do Alentejo	
Notas: A Câmara Municipal de Viana do Alentejo tem vindo a adquirir chocalhos aos fabricantes de Alcáçovas para constituir uma colecção e para ofertas institucionais.		
Salvaguarda\Sustentabilidade	Junta de Freguesia de Alcáçovas	
Notas: A Junta de Freguesia de Alcáçovas tem vindo a adquirir chocalhos aos fabricantes de Alcáçovas para constituir uma colecção e para ofertas institucionais.		
Salvaguarda\Pesquisa	Município de Viana do Alentejo	2011
Notas: A Câmara Municipal de Viana do Alentejo tem vindo a apoiar encontros científicos sobre o fabrico de chocalhos em Alcáçovas. Em 2011, organizou-se o I Forum-Oficina sobre as Artes do Ferro e do Fogo, dedicado à salvaguarda da Arte Chocalheira.		
Salvaguarda\Pesquisa	Junta de Freguesia de Alcáçovas	2011
Notas: A Câmara Municipal de Viana do Alentejo tem vindo a apoiar encontros científicos sobre o fabrico de chocalhos em Alcáçovas. Em 2011, organizou-se o I Forum-Oficina sobre as Artes do Ferro e do Fogo, dedicado à salvaguarda da Arte Chocalheira.		

Tema / Assunto	
Tema	Assunto

Aprendizagem	
Aprendizagem	Descrição
Empresarial	O fabrico de chocalhos desenvolvia-se no interior das famílias detentoras desta manifestação. Hoje, essa formação só acontece na empresa Pardalinho, na vila de Alcáçovas, com apoios comunitários, mas com sucesso reduzido. Até ao momento não foi formado nenhum chocalheiro.
Familiar	A forma mais comum, é a transmissão familiar dos saberes associados ao fabrico de chocalhos. Esta era feita tradicionalmente de pais para filhos.

Característica	
Característica	Descrição
Fabrico de chocalho\Preparação da chapa\Riscar	A chapa de ferro, adquirida em diferentes armazéns, e com diversas espessuras, é riscada com recurso a um pedaço de ardósia ou giz, de forma a dividi-la em chapas de menor dimensão, que servirão para fazer o corpo do chocalho. As sobras servirão para asas, batentes e debruns.
Notas: Ver glossário.	

Fabrico de chocalho\Preparação da chapa\Corte	A chapa de ferro, de diferentes espessuras conforme a dimensão do chocalho, é cortada em chapas mais pequenas, que servirão para moldar o corpo do chocalho. No passado, o corte era feito com a tesoura de chocalheiro, hoje recorre-se a uma guilhotina.
Fabrico de chocalho\Preparação da chapa\Destemperar	As chapas de ferro, de diferentes espessuras conforme a dimensão do chocalho, são amontoadas e metidas no forno e posteriormente batidas com um maço. O objectivo é retirar o óleo e tornar as chapas mais macias.
Fabrico de chocalho\Dar corpo ao chocalho\Talhar	O chocalheiro, no banco, acerta a chapa que vai dar corpo ao chocalho. Faz alguns entalhes com a tesoura, para quando dobrar o chocalho poder prender as partes dobradas.
Fabrico de chocalho\Dar corpo ao chocalho\Enrolar	O chocalheiro, no banco, coloca a chapa na bigorna e começa a enrolar o chocalho, até lhe dar corpo. Prende as partes, utilizando os entalhes feitos anteriormente.
Fabrico de chocalho\Dar corpo ao chocalho\Dobrar	O chocalheiro, no banco, e com o chocalho enfiado na bigorna, começa a meter os cantos, virando-os, são as chamadas orelhas. Serão essas que irão segurar a asa. Abre um rasgo no fundo do chocalho e coloca aí o céu, a argola que irá prender o badalo. Coloca a asa, os batentes ou o debrum.
Notas: Ver glossário.	

Fabrico de chocalho\Colocação de marcas (fabrico e/ou posse)	Se o chocalho levar marcas, que poderão ser as de fabricante e/ou de posse, estas são colocadas no corpo do chocalho, presas por fio. A de fabrico é colocada na parte da frente do chocalho e a de posse nas costas do chocalho. As marcas são feitas a ponteiro, como em Asseiceira, ou com uma tesoura mais pequena, caso de Alcáçovas, Reguengos de Monsaraz ou Estremoz.
Fabrico de chocalho\Preparação para levar ao forno\Embarramento	Num lugar à parte da loja/oficina, e onde está o barreiro, os chocalhos são embarradas na pedra de embarrar. O embarramento consiste em fazer um casulo de barro amassado com moinha de palha. O barro é estendido na pedra e o chocalho é aí colocado. Neste processo, entre o barro e o chocalho, são colocados pequenos pedaços de latão, estes também são colocados no interior do chocalho, onde também é posto um pequeno pedaço de madeira ou de carvão. Após a feitura do casulo, na zona da boca do chocalho, o barro é perfurado para que o chocalheiro possa controlar a soldagem do chocalho. A Família Maia/Empresa Pardalinho, assim como o chocalheiro de Ereira, formado por esta família, embarram de pé. Todos os outros embarram sentados.
Fabrico de chocalho\Preparação para levar ao forno\Secagem	Depois de embarrar, os chocalhos são deixados a secar por semanas, meses ou anos. A cozedura dos chocalhos é feita segundo a procura.
Fabrico de chocalho\Levar ao forno\Soldagem	O chocalho é colocado no forno, a cerca de 1200º. No passado, o forno não permitia ultrapassar os 600º. Quando o chocalheiro se apercebe que o latão está líquido pela cor da chama que sai do interior do chocalho através do furo junto à boca, que muda de laranja para azul, o chocalho é retirado e colocado no chão.
Fabrico de chocalho\Levar ao forno\Rebolar	Após ser retirado do forno, o chocalho começa a ser rebolado, para que o latão, em estado líquido, possa banhar uniformemente toda a peça. O rebolar é feito com com vara de ferro. Antigamente, o rebolar do chocalho era numa cama feita de carvão. Hoje é feito no chão de cimento.
Fabrico de chocalho\Levar ao forno\Temperar	Após rebolar o chocalho e quando se percebe que o latão já banhou totalmente a peça, o chocalho é mergulhado numa tina com água, para um arrefecimento súbito. A este mergulhar chama-se 'temperar'. É retirado da água, o barro cozido é partido e o chocalho é retirado e limpo.
Fabrico de chocalho\Assonantar	O chocalheiro leva, de novo, o chocalho para o banco de chocalheiro. Na bigorna, e com ajuda do martelo, afina-o. Esta afinação é feita batendo primeiro com um badalo de madeira no interior do chocalho, para testar o som deste. Apoiado ou enfiado na bigorna, é sujeito a um conjunto de sábias marteladas que têm como objetivo 'juntar as vozes'. No centro e sul de Portugal, a afinação faz-se pelo interior; no norte e Ilha Terceira, pelo exterior. Em Espanha, a afinação é feita através de um vinco junto à boca. Nalguns locais, para o tornar mais agudo, fazem-se furos junto à asa, a que se chama fazer os 'ouvidos'. Esta é a fase da cadeia operatória mais complexa. Um chocalheiro só é reconhecido como mestre quando não apenas domina o fabrico de qualquer tipo de chocalho, como o sabe afinar. No trabalho de campo que estamos a efetuar por todo o território nacional, fomos confrontados com uma sensibilidade sonora divergente: cada região histórica possui como que uma afinação específica, na qual se reconhece e que obriga o chocalheiro a corresponder a essa identidade. Por isso, um chocalho feito em Alcáçovas será provavelmente reafinado em Bragança ou na Ilha Terceira.
Fabrico de chocalho\Completar o chocalho\Embadalar	Após a afinação, o badalo é colocado no interior do chocalho, suspenso, através do 'embadaloideiro', numa argola, o céu. Os badalos podem ser, conforme a sua dimensão ou a região histórica de Portugal, em chifre (norte e Açores), de madeira (norte, centro e sul), de ferro (todo o país e aplica-se aos chocalhos pequenos) ou em PVC, fruto de uma certa industrialização, estes importados de Espanha. O badalo pode ser suspenso apenas por uma correia de couro ou através de um pequeno pau suspenso em couro que prende o badalo, designado por 'cartel'.
Fabrico de chocalho\Completar o chocalho\Encoleirar	A coleira, passada por dentro da asa, serve para suspender o chocalho ao pescoço do gado. Pode ser feita em cabedal ou de restos de pneu. Existem três formas de fechar a coleira: através de (i) 'meá', que designa uma forma de atar, através de tiras, a coleira; através de (ii) 'cágueda', peça de madeira que une as duas pontas da coleira, passando por dentro delas; através de (iii) fivela de metal.

Cronologia					
Data inicial	Data final	Época	Data textual	Acontecimento	Justificação
		Proto-História		Surgem os primeiros chocalhos em chapa de ferro.	Em Espanha, em contexto arqueológico, foram encontrados chocalhos celtiberos, datados do séc. III a. C.
		Romana		Em São Cucufate, Alentejo, são encontrados chocalhos.	No Museu da Casa do Arco, mostram-se chocalhos que surgiram nas escavações da vila romana de São Cucufate e atribuídos ao séc. IV.

Designação		
Tipo designa.	Designação	Justificação

Comum	Indústria de chocalhos	Designação comum na segunda metade do séc. XIX.
Comum	Arte chocalheira	Forma etnográfica de designar o fabrico de chocalhos. Bebe também nas formas antigas de designar os ofícios mecânicos como arte e os oficiais como artistas.
Comum	Produção de chocalhos	Forma comum de designar o fabrico de chocalhos.
Popular	Fazer chocalhos	Forma local de designar o fabrico de chocalhos.

#### Disposição legal

Tipo disposição	Documento	Data
Convenção	Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial	2003-10-17
Notas:	Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial adoptada pela Assembleia Geral da UNESCO. Documento fundamental para a construção do conceito de património cultural imaterial.	
Decreto	Decreto do Presidente da República N.º 28/2008	2008-03-26
Notas:	Ratificação da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, adotada na 32.ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris, a 17 de outubro de 2003, aprovada, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 12/2008, em 24 de janeiro.	
Decreto-Lei	Decreto-Lei N.º 139/2009	2009-06-15
Notas:	Estabelece o regime jurídico de salvaguarda do património cultural imaterial e institui a Comissão para o Património Cultural Imaterial.	
Portaria	Portaria N.º 196/2010	2010-04-09
Notas:	Aprova o formulário para pedido de inventariação de uma manifestação do Património Cultural Imaterial e as respetivas normas de preenchimento da ficha de inventário. No quadro deste diploma, são igualmente definidas as condições a observar em matéria do processo de identificação, estudo e documentação do PCI, entre as quais o âmbito dos métodos e técnicas de pesquisa a aplicar, bem como as qualificações académicas que devem ser dotados os profissionais responsáveis por esse processo.	

#### Fortalecimento

Fortalecimento	Descrição	Data
Salvaguarda\Revitalização	CREATE AND IMPLEMENT AN INTERPRETATION CENTRE TO FOSTER AND DEVELOP A PARTNERSHIP NETWORK	
Notas:	To create a platform that would implement a strategy for the safeguarding of the manufacture of cowbells in Alcáçovas, in the municipality of Viana do Alentejo. This strategy would also be sustained through the setting up of a network of institutions that would bring together bearers, university research centres and cultural economic agents at the local, regional, national and international levels. Action: The mission of the 'Interpretation Centre for pastoralism and traditional metallurgy' would be to safeguard the arts of pastoralism and the metallurgical techniques and skills associated with grazing, the making of cowbells and the casting of bells and hand bells. It would have an exhibition area, a documentation centre, a training area and a shop. This centre would work in collaboration with the existing workshops, both in Alcáçovas and in the rest of the country, thus serving to safeguard the cowbell in Portugal.	
Salvaguarda\Transmissão	TRANSMISSION	
Notas:	To encourage the transmission of the skills involved in making cowbells by creating the figures of Master of the Art and the Apprentice of the Art, inspired in the Living Human Treasures Programme (UNESCO). Actions: To create a fund to underpin the transmission of the art of making cowbells. This transmission, from master to apprentice, would take place over five years and would have the objective of creating new masters of cowbell making. The training programme would be run by the four masters of cowbell making who have already signalled their willingness to pass on their knowledge to others who are not members of their families, thus breaking with their families-only tradition.	
Salvaguarda\Sustentabilidade	ENCOURAGE AND CREATE ECONOMIC SUSTAINABILITY	
Notas:	The manufacture of cowbells is an economic activity that can only continue if the cowbells that are produced are then sold. The aim here is to create an awareness-raising and promotional strategy that will help the business activity achieve sustainability in the medium term and, so, stave off extinction.	
Salvaguarda\Protecção	FOSTER LEGAL PROTECTION	
Notas:	Cowbell making has remained unchanged for more than two thousand years. All cowbell makers are insistent that cowbells should be made through the application of human effort alone. The aim is to create a strategy for protecting the intangible cultural asset and safeguard the intellectual property aspect of the business, defending the viewpoint that the masters of cowbell making own the manufacture of this sonorous object.	
Salvaguarda\Pesquisa	RESEARCH AND DISSEMINATION	
Notas:	A multidisciplinary research strategy should be put in place to help boost our scientific understanding of both the material and intangible cultural heritage associated with this profession. The research would feed into the dissemination and sharing of all acquired knowledge and understanding through multiple forms of publication, the setting up of a digital platform and the organisation of scientific events.	

#### Grupo social

Grupo Social/Etnia	Justificação
Chocalheiros	O fabrico de chocalhos é feito por famílias que se dedicam exclusivamente a esta actividade. Muitas destas famílias desenvolvem esta actividade transformadora há séculos, como é o caso da Família Sim Sim, de Alcáçovas e Estremoz, que a exerce ininterruptamente desde a segunda metade do séc. XVIII.

#### Identidade

Identidade	Justificação
Local	A vila de Alcáçovas, e a comunidade que a habita, por exemplo, assume esta actividade como uma identidade diferenciadora. Alcáçovas recebe comumente a designação de Terra de chocalheiros ou a Terra dos chocalhos, e os seus habitantes são designados por Chocalheiros devido não apenas ao número de fabricantes existentes no passado, mas também não apenas à qualidade dos fabricantes, mas também dos chocalhos.

#### Idioma

Idioma
Português

Notas: O ensino dos conhecimentos associados ao fabrico de chocalhos é feito em português.

Inventariante	
Inventariante	Data
LIMA, Paulo (1966-)	2010

Notas: O antropólogo Paulo Lima, tem vindo, desde 2010, a desenvolver trabalho de campo em Portugal, e mais concretamente na vila de Alcáçovas, sobre o fabrico de chocalhos.

BRÁZIO, Augusto (1964-)	2011
-------------------------	------

Notas: O fotógrafo Augusto Brázio, tem vindo, desde 2011, a documentar fotograficamente em Portugal, e mais concretamente na vila de Alcáçovas, o fabrico de chocalhos.

PAGARÁ, Ana (1971-)	2010
---------------------	------

Notas: A historiadora de arte e especialista em património Ana Pagará, tem vindo, desde 2010, a desenvolver trabalho em investigação histórica em Portugal, e mais concretamente na vila de Alcáçovas, sobre o fabrico de chocalhos.

MIRA, David	2013
-------------	------

Notas: O realizador David Mira, tem vindo, desde 2013, a desenvolver trabalho de documentação videográfica, e mais concretamente na vila de Alcáçovas, sobre o fabrico de chocalhos.

#### Localização

Tipo localiza.	Local admin.	Lugar específico	Geo. Datum	Método	CODSIG	Geo X	Geo Y	Plana X	Plana Y	Plana Z
Presença da manifestação	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Estremoz\Estremoz (Santa Maria e Santo André)	Estremoz				-7.5916812	38.8455094			

Notas: Na cidade de Estremoz, o mestre chocalheiro António Augusto Sim Sim, e o sobrinho, o chocalheiro Rui Marcos Sim Sim Gonçalves, fabricam e vendem chocalhos.

Presença da manifestação	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Reguengos de Monsaraz\Reguengos de Monsaraz	Reguengos de Monsaraz, PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Reguengos de Monsaraz\Reguengos de M				38.42526549999999	-7.534435199999962			
--------------------------	--	--	--	--	--	-------------------	--------------------	--	--	--

Notas: Na cidade de Reguengos de Monsaraz, o mestre chocalheiro Joaquim José Veladas Correia, inactivo, vende chocalhos adquiridos a outros, chocalheiros ou não.

Presença da manifestação	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Viana do Alentejo\Alcáçovas	Alcáçovas				-8.1574789	38.3923841			
--------------------------	--	-----------	--	--	--	------------	------------	--	--	--

Notas: Na vila de Alcáçovas, a família Maia, composta pelos mestres chocalheiros José Luís Reis Maia e Francisco António Maia Cardoso, e pelo chocalheiro Guilherme José Fortes Reis Maia, e a família Sim Sim, composta pelos mestres chocalheiros Joaquim Vidazinha Sim Sim e Gregório Guerreiro Sim Sim, este inactivo, fabricam e vendem chocalhos.

Presença da manifestação	PRT\Região Autónoma dos Açores\Angra do Heroísmo\Posto Santo	Grota do Medo, PRT\Região Autónoma dos Açores\Angra do Heroísmo\Posto Santo, Presença da manifestação				38.6635375	-	27.229396899999983		
--------------------------	--	---	--	--	--	------------	---	--------------------	--	--

Notas: No lugar de Grota do Medo, o ferreiro-chocalheiro António Ferreira da Costa fabrica e vende chocalhos.

Presença da manifestação	PRT\Continente\Norte\Alto Trás-os-Montes\Bragança\Semil	Quinta do Souto, PRT\Continente\Norte\Alto Trás-os-Montes\Bragança\Semil, Presença da manifestação				41.8061131	-6.756738000000041			
--------------------------	---	--	--	--	--	------------	--------------------	--	--	--

Notas: Na Quinta do Souto, periferia da cidade de Bragança, o ferreiro-chocalheiro João Manuel dos Santos fabrica e vende chocalhos.

Presença da manifestação	PRT\Continente\Centro\Médio Tejo\Tomar\Asseiceira	Asseiceira, PRT\Continente\Centro\Médio Tejo\Tomar\Asseiceira, Presença da manifestação				39.5250153	-8.403614500000003			
--------------------------	---	---	--	--	--	------------	--------------------	--	--	--

Notas: Na aldeia de Asseiceira, o mestre chocalheiro Manuel Antunes Cecílio fabrica e vende chocalhos.

Presença da manifestação	PRT\Continente\Alentejo\Lezíria do Tejo\Cartaxo\Ereira	Ereira, PRT\Continente\Alentejo\Lezíria do Tejo\Cartaxo\Ereira, Presença da manifestação				39.1763193	-8.866489000000001			
--------------------------	--	--	--	--	--	------------	--------------------	--	--	--

Notas: Na aldeia de Ereira, o chocalheiro Feliciano de Jesus Sim Sim fabrica e vende chocalhos.

#### Origem

Origem	Data	Justificação
Indeterminada		Foram encontrados, por toda a Eurásia, chocalhos em contexto arqueológico, cuja cronologia remonta à Idade do Ferro. Na Península Ibérica foram encontrado chocalhos datados do Período Celtibero.

#### Recolha imaterial

Grupo social	Colector	Data	Local admin.	Local
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2010	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Viana do Alentejo\Alcáçovas	Alcáçovas

Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.

Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Estremoz\Estremoz (Santa Maria e Santo André)	Estremoz
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Reguengos de Monsaraz\Reguengos de Monasaraz	Reguengos de Monsaraz
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Continente\Alentejo\Lezíria do Tejo\Cartaxo\Ereira	Ereira
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Continente\Centro\Médio Tejo\Tomar\Asseiceira	Asseiceira
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Continente\Norte\Alto Trás-os-Montes\Bragança\Semil	Quinta do Souto
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				
Chocalheiros	LIMA, Paulo Alexandre Tabela (1966-)	2014	PRT\Região Autónoma dos Açores\Angra do Heroísmo\Posto Santo	Grota do Medo
Notas: Documentação diversa sobre chocalheiros e o fabrico de chocalhos.				

Risco	
Risco	Motivo
Alteração da paisagem agrícola\Colocação de cercas para o gado	A divisão dos terrenos agrícolas com cercas é dada como a razão para que hoje tenha diminuído a procura de chocalhos por parte de proprietários e pastores.
Notas: A confirmar.	
Novas tecnologias	A introdução de novas tecnologias, em particular o forno a gás, assim como de ferramentas de corte, veio simplificar o fabrico de chocalhos, criando um aumento de produção, cujo impacto foi a saturação do mercado.
Demografia	A construção de mapas genealógicos mostrou que a extinção de famílias chocalheiras de Alcáçovas esteve ligada a questões demográficas: ou não tiveram descendência ou tiveram filhas. Esta actividade apenas se transmite a filhos. Localizaram-se casos em que a transmissão do saber saltou uma geração ou se transmitiu a parentes colaterais.
Extinção de profissões	O recuo da profissão de pastor, levou a uma redução da procura de chocalhos, já que os pastores eram os grandes consumidores de chocalhos.

Tipologia	
Tipologia	Justificação
Domínios UNESCO\Aptidões ligadas ao artesanato tradicional	O fabrico de chocalhos é uma manufactura associada à metalurgia.
Categorias (DR_Port. N.º 196/2010_9 de Abril)\Actividades transformadoras	O fabrico de chocalhos é uma manufactura associada à metalurgia, e caracteriza-se pela transformação de chapas de ferro em idiofones.

Transformação		
Transformação	Data	Motivo
Tecnológica	1995	Em 1995, os chocalheiro Manuel Antunes Cecílio e Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim adquiriram em Espanha um forno a gás para cozer os chocalhos. Esta aquisição teve dois impactos: i. permitiu aumentar brutalmente a produção e ii. abriu as oficinas às novas tecnologias.

Uso		
Uso	Data	Justificação
Pastorícia		O chocalho é usado nas pastorícia, suspenso no pescoço dos animais através de coleira. Todos o tipo de gado pode usar chocalhos. Também é normal colocar-se pequenos chocalhos em aves, nos cães e gatos. O uso do chocalho no gado é com o objectivo de sinalizar, proteger ou por status. Tradicionalmente, no gado, faziam-se duas ou três mudas por ano. No Verão os chocalhos eram mais compridos e de Inverno mais curtos, pois que a dimensão da erva ou do pasto ditava a altura do chocalho.
Charivari		Em momentos carnavalescos ou de funda crítica social, era comum usar-se chocalhos. O uso destes objectos sonoros permitia a animalização do Outro, mas também conferia, em determinados momentos, um peso sexual fortíssimo.
Festa\Religiosa		O chocalho é usado em algumas festas religiosas como objecto central, caso do sábado de Aleluia, em crianças, munidas de grandes chocalhos, pedem doces.

Fichas relacionadas				
Tipo de ficha	Dados da ficha	Inf. específica	Dados Inf. específica	Tipo relação
Imóveis	ID/IMO/002525   Área Urbana\Cidade   Estremoz   0	Localizações	PRT\Continente\Alentejo\Alentejo Central\Estremoz\Estremoz (Santa Maria e Santo André)	Geografia\Local de actividade\Permanente Estremoz
Notas: Na cidade de Estremoz está em actividade uma oficina de chocalheiro, associada a uma loja de artesanato. A unidade familiar que os produz e comercializa radicou-se nesta cidade na década de '20 do Século XX. É originária de Alcáçovas e é um ramo da família Sim Sim.				
Imóveis	ID/IMO/000446   Área Urbana   Alcáçovas   0			
Notas: Na vila de Alcáçovas desenvolve ainda com alguma expressão esta actividade. Existem quatro oficinas, uma das quais transformada em museu privado.				

Imóveis	ID/IMO/001374   Área Urbana\Cidade   Reguengos de Monsaraz   0			
Notas:	Em Reguengos de Monsaraz existe presentemente um chocalheiro que já não exerce. A actividade parece ter-se desenvolvido a partir de meados do Século XIX, embora por volta de 1830 exista um largo denominado do Chocalheiro.			
Imóveis	ID/IMO/002780   Área Urbana\Aldeia   Asseiceira   0			
Notas:	Nesta aldeia são referenciados dois chocalheiros. Estão ainda em actividade?			
Imaterial	ID/IMA/000936   Campanologia   UNESCO Domínios PCI\Aptidões ligadas ao artesanato tradicional   972			
Notas:	(direta)			
Projectos de Investigação	Promoção e Valorização Turística das Manifestações Culturais e Identitárias do Alentejo e Ribatejo.   121			
Proprietários	João Chibeles Penetra   1926			
Todas Entidades	Paulo Lima   1966	Inventariante	963	
Notas:	(direta)			
Todas Entidades	Museu do Chocalho			
Detentores-função	Gregório Guerreiro Sim Sim			
Detentores-função	António Augusto Sim Sim			
Detentores-função	Joaquim José Veladas Correia			
Detentores-função	António Ferreira da Costa			
Detentores-função	Manuel Antunes Cecilio			
Detentores-função	Rui Marcos Sim Sim Gonçalves			
Detentores-função	João Manuel dos Santos			Geografia\Ocorrência
Detentores-função	Feliciano de Jesus Sim Sim			
Detentores-função	Joaquim Manuel Vidazinha Sim Sim			
Audiovisual	Vídeo\Digital   1.ª versão do filme do dossier UNESCO do Fabrico de Chocalhos   100			
Material fotográfico	Fotografia digital   Gregório Guerreiro Sim Sim a acertar o chocalho na tesoura de chocalheiro.   Augusto Brázio   552			
Material fotográfico	Fotografia digital   Gregório Guerreiro Sim Sim.   Augusto Brázio   555			
Material fotográfico	Fotografia digital   José Maia, chocalheiro, a cortar para fazer um chocalho.   Augusto Brázio   10-02-2011   560			
Material fotográfico	Pedra para embarrar Estremoz   Augusto Brázio   603			
Monografia	A vila de Alcáçovas   sua história, suas belezas, seu comércio e sua industria   Sociedade Nacional de Tipografia   1924   357			
Monografia	Os chocalhos e a sua relevância na vila das Alcáçovas   Esfera do Caos Editores   2013   639			Bibliografia
Monografia	Sons et musique autour de l'animal   Musée du Rouergue   1990   643	Autorias	COGET, Jacques   Autor Documento	Bibliografia
Transcrições	Verbete da autoria de José da Silva Picão, editado em «Através dos campos», de 1947, descrevendo o u   Chocalhos   374			
Ficheiros	_DSC2072   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC207   2074			
Notas:	(direta)			
Ficheiros	_DSC2111   G:\IP_IN_PATRIMONIUM\IP_REFERENCIAS\IP_REF_MATERIAL_FOTOGRAFICO\IP_REF_MAT_FOT_000001_000100\_DSC211   2077			

Notas: (direta)

Ficheiros \_DSC2190 | G:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000001\_000100\\_DSC219 | 2082 |

Notas: (direta)

Ficheiros \_DSC6307 | G:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000001\_000100\\_DSC630 | 2119 |

Notas: (direta)

Ficheiros ANTÓNIO ANDRÉ GROTA DO MEDO | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\ANTÓNIO | 2245 |

Ficheiros \_DSC9576 | C:\Users\Paulo Lima\Desktop\DSC9576.jpg | 2261 |

Ficheiros \_DSC1023 | C:\Users\Paulo Lima\Desktop\DSC1023.jpg | 2262 |

Ficheiros \_DSC9459 | C:\Users\Paulo Lima\Desktop\fotos ab\\_DSC9459.jpg | 2264 |

Ficheiros \_DSC9602 | C:\Users\Paulo Lima\Desktop\fotos ab\\_DSC9602.jpg | 2265 |

Ficheiros PHOTO.07 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2266 |

Ficheiros PHOTO.08 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2267 |

Ficheiros PHOTO.09 - Cópia | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2268 |

Ficheiros PHOTO.01 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2269 |

Ficheiros PHOTO.02 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2270 |

Ficheiros PHOTO.03 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2271 |

Ficheiros PHOTO.04 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2272 |

Ficheiros PHOTO.05 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2273 |

Ficheiros PHOTO.06 | K:\IP\_IN\_PATRIMONIUM\IP\_REFERENCIAS\IP\_REF\_MATERIAL\_FOTOGRAFICO\IP\_REF\_MAT\_FOT\_000101\_000200\PHOTO.0 | 2274 |

#### Ficheiros multimédia: Informação genérica



\_dsc2190.jpg



\_dsc2111.jpg



photo.08.jpg



photo.09 -  
cópia.jpg



\_dsc9576.jpg



\_dsc1023.jpg



photo.07.jpg



\_dsc9459.jpg



\_dsc9602.jpg



antónio  
andr \_grota  
do m[ilho].jpg



photo.01.jpg



photo.03.jpg



photo.04.jpg



photo.05.jpg



photo.06.jpg



\_dsc6307.jpg



\_dsc2072.jpg



photo.02.jpg